

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos  
necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação  
realizado sob a orientação científica de Jorge Martins Rosa



*Aos meus pais e à minha irmã*

## **Politicamente Incorrecto**

### **O Canal Q e a Televisão Não Convencional**

**Ana Rita Pascoal Azevedo**

#### **Resumo**

Ao longo da existência da televisão, foram muitos os programas que procuraram ser diferentes, fugindo às regras que se foram impondo dentro da criação televisiva, em especial nos canais generalistas. Dos Estados Unidos da América e do Reino Unido surgem aqueles que são considerados os melhores exemplos de programas não convencionais de humor, entre os quais *Seinfeld* ou *The Office*. Não convencionais porque, para além de abordarem temas deixados para segundo plano na televisão dita convencional, a forma como o fazem é também irreverente. O humor em televisão foi visto, muitas vezes, como uma ótima forma de satirizar, principalmente os temas políticos. A Comedy Central e o *Daily Show* são alguns dos grandes exemplos de comédia em televisão que utiliza a sátira como forma de informar e alertar. Em Portugal, um dos grandes exemplos de televisão não convencional é o Canal Q, nascido na produtora responsável por uma enorme revolução no humor português: Produções Fictícias. O presente relatório de estágio concentra-se precisamente no Canal Q como um exemplo de irreverência no panorama televisivo nacional.

Palavras-chave: televisão, humor, Produções Fictícias, Canal Q

## **Politically Incorrect**

### **Canal Q and Unconventional Television**

**Ana Rita Pascoal Azevedo**

#### **Abstract**

Throughout the existence of television, there were many programs that sought to be different, escaping the rules that were imposed in audiovisual creation, especially in mainstream channels. From United States of America and the United Kingdom come those who are considered the best examples of unconventional humor programs, including *Seinfeld* or *The Office*. Unconventional because, in addition to addressing issues left behind in conventional television, the way they do it is also irreverent. Humor in television was seen often as a great way to satirize, mainly political issues. Comedy Central and *The Daily Show* are major examples of comedy on television that use satire as a way to inform and alert. In Portugal, one of the major non-conventional television examples is Canal Q, born from the writer and producer team responsible for a huge revolution in the Portuguese humor: *Produções Fictícias*. This internship report focuses precisely on Canal Q as an example of irreverence on the national television landscape.

Keywords: television, humor, *Produções Fictícias*, Canal Q

## Índice

Introdução .....	1
Capítulo 1: O Humor na Televisão .....	3
1.1. Breve História do Humor enquanto Género Televisivo .....	3
1.2. O humor não Convencional .....	9
1.3. O humor e a Sátira na Televisão .....	13
Capítulo 2: Canal Q .....	17
2.1. As Produções Fictícias.....	17
2.2. Canal Q: <i>Um Canal e Peras</i> .....	21
2.3. <i>Inferno</i> .....	23
Capítulo 3: Estágio .....	27
3.1. Plano de Actividades.....	27
3.2. Programas e Funções .....	28
3.3. Aptidões Desenvolvidas .....	31
Conclusão.....	32
Bibliografia .....	34
Anexos .....	38

## Introdução

Este relatório é o resultado do estágio de três meses, entre Setembro e Dezembro de 2014, realizado no canal de televisão por cabo Canal Q, pertencente à empresa Produções Fictícias e sediado em Lisboa.

Tanto a necessidade de adquirir competências profissionais na área da televisão como a vontade de saber em que medida o Canal Q pode ser considerado um canal de televisão não convencional constituem as principais motivações para a realização deste estudo.

O presente trabalho é, assim, sobre o Canal Q e o facto de a programação deste fugir completamente às normas, fazendo com que este canal de televisão seja considerado não convencional, alternativo, “*indie*” (Silva, 2014). A pouquíssima informação disponível sobre o canal e sobre a televisão não convencional em Portugal também motivou a realização deste relatório, que surge precisamente na sequência da realização do estágio curricular e depois de um contacto directo com a empresa.

A escolha do tema partiu exactamente da ideia de que o Q é um canal de televisão com uma programação irreverente, quando comparada com a programação dos outros canais portugueses. Por esta razão decidi estudar as formas de fazer televisão não convencional noutros países, particularmente na área do humor, utilizando como exemplo máximo do caso português o Canal Q.

O relatório está dividido em três partes que se complementam entre si. A primeira parte é constituída pelo capítulo sobre o humor na televisão que, por sua vez se divide em três subcapítulos. Esta opção prende-se com o facto de o Canal Q ser constituído por uma programação onde o humor tem um peso enorme. No primeiro subcapítulo relata-se uma breve história do humor enquanto género televisivo, um género aliás com bastante poder, começando por ser abordado o trabalho de Ernie Kovacs. De seguida são dados exemplos de *sitcoms*, um formato que dominou a forma de fazer comédia no pequeno ecrã, aborda-se a presença de *stand-up* em televisão e dão-se exemplos de programas de *sketches*, terminando o capítulo com um pouco da história da comédia na televisão portuguesa.

No segundo subcapítulo reflecte-se sobre a televisão não convencional, particularmente o humor não convencional em televisão. A programação do Canal Q, para além de ser baseada no humor, tem um lado irreverente muito forte, sendo aliás esta uma das suas principais características. Por essa razão, é feita uma abordagem geral sobre o humor não convencional, dando exemplos e, de seguida, é abordado o caso do grupo inglês Monty Python. O terceiro subcapítulo centra-se na sátira como uma das mais utilizadas formas de fazer humor, particularmente no programa *The Daily Show*, aqui destacado, um programa que muito influenciou o telejornal satírico do Canal Q, *Inferno*.

A segunda parte é constituída pela história das Produções Fictícias e pela do Canal Q, esta última essencialmente baseada na minha experiência durante o estágio curricular e em entrevistas que realizei a alguns dos intervenientes na construção do canal: Nuno Artur Silva, director das Produções Fictícias e do Canal Q, Sandra Borges, produtora de alguns programas do canal, Guilherme Fonseca, apresentador, humorista e guionista, e Ana Markl, apresentadora e responsável pelo surgimento de alguns programas do canal.

Um dos objectivos deste relatório é também perceber em que contexto surgiu o Canal Q e quais as características que o definem e o distinguem de outras televisões. Uma vez que o Q é um projecto das Produções Fictícias, pretendo também perceber o que relaciona os dois.

Durante a realização do estágio contactei diariamente – e directamente – com as pessoas responsáveis pela criação dos programas e isso permitiu-me perceber de uma forma muito particular todo o funcionamento deste canal de televisão. Deste contacto resultaram as entrevistas e é a partir destas que construo a segunda parte do relatório.

Na terceira e última parte dedico-me à descrição das actividades desenvolvidas ao longo do estágio curricular, realizado na área de Produção, e do que dele resultou para a minha experiência profissional e para a construção deste relatório.

## 1. O humor na televisão

### 1.1. Breve história do humor enquanto género televisivo

Nuno Artur Silva afirma no seu texto para a *Antologia do Humor Português* que “o humor é um termo genérico que contempla muitas variações e géneros, da ironia à sátira, do sarcasmo à paródia, do abjeccionismo à obscenidade” (Silva, 2008: 14). O humor está presente em todo o lado, mas ganhou principal destaque e força na televisão – antes de esta ser, mais recentemente, ultrapassada pela Internet.

Estes géneros de comédia, em televisão, são apresentados de várias formas, desde *sketches*, *stand-up*, desenhos animados, *sitcoms* ou mesmo em programas de variedades (Neale e Krutnik, 2001: 1).

Ernie Kovacs foi um dos primeiros exemplos de sucesso da comédia em televisão, com vários programas ao longo da década de 50 – *It’s Time for Ernie* ou *The Ernie Kovacs Show*. Kovacs, com a sua comédia visual, verbal e musical – que recorria muitas vezes à manipulação de sons, à criação de personagens hilariantes e únicas e ao improvisado –, inspirou programas como *Saturday Night Live* ou o grupo Monty Python. A sua fisionomia, a sua postura, o seu modo de abordar o telespectador e os seus convidados fizeram dele um comediante de sucesso numa altura em que ele próprio afirmava que a televisão não tinha sido completamente explorada e que, por ser tão diferente do cinema e do teatro, deveria também ter as suas próprias características (cf. Kovacs, 2010: XI-XIV).

Arlindo Machado afirmou sobre os programas da autoria de Kovacs: “Se o cinema já nasceu maduro e inventivo com Méliès, a televisão, com Kovacs e Averty também deu mostras de uma delirante criatividade desde os primórdios” (Machado, 2005: 53).

Nos anos 50, após o fim da II Guerra Mundial e com novos valores a tomarem conta da sociedade, a televisão substituiu rapidamente o cinema como o meio audiovisual de preferência. Isto foi um dos factores que deu origem à *sitcom* (*situation comedy*), o formato que domina a forma de fazer comédia em televisão.

### 1.1.1. A *sitcom*: formato dominante

Aquilo que viria a dominar a comédia televisiva seriam os programas que aproximavam o telespectador do teatro, onde se incluem as *sitcoms*. Os risos e as palmas eram colocados, em pós-produção, no momento certo, transmitindo a sensação de que tudo aquilo se passava num palco. A *sitcom*, com origens na rádio, conseguiu, ao longo dos anos, manter-se como um produto transmitido em *prime-time*, uma vez que não desilude em termos de audiências. Talvez o sucesso do formato *sitcom* se deva ao facto de cada episódio ser “fechado”, ou seja, o enredo, que é diferente em cada episódio apesar de envolver as mesmas personagens, resolve-se numa sessão apenas. Cada episódio parece, assim, uma peça de teatro pequena e autónoma. “A atracção de um episódio é a força da sua contribuição para a cosmologia mais ampla da série” (Walker *et al.*, 1998: 254).

Durante os anos 50 e 60, nos EUA a *sitcom* oferecia a uma sociedade pós-II Guerra Mundial a visão de um mundo pacífico em que tudo era centrado na família (Walker *et al.*, 1998: 256). Uma *sitcom* dos anos 50 seguia, geralmente, a vida quotidiana de um casal e dos seus filhos. Os temas comuns do dia-a-dia, as “reliquias do seu tempo”, eram a base das tramas. De todas as *sitcoms* desta época, uma se destacou: *I Love Lucy*, que permaneceu no ar durante quase uma década. Lucille Ball interpretava o papel de Lucy, a esposa de Ricky, interpretado por Desi Arnaz (Laham, 2009: 13).

Mas nem todas as *sitcoms* se mantinham na zona de conforto que eram as peripécias das famílias da classe média americana. *All in the Family* estreou em 1971 e, apesar de se manter como uma série familiar, quebrou com as normas do género. Baseada na *sitcom* britânica *Till Death Do Us Apart*, a trama tinha lugar num mundo cosmopolita onde todo o tipo de assuntos era tema (in Browne e Browne, 2001: 744) sexo, drogas, guerra ou direitos das mulheres, no fundo os temas que intrigavam uma sociedade americana que vivia tempos conturbados (Gitlin, 2014: 14).

Depois de *All in the Family* se tornar num verdadeiro sucesso televisivo, em 1972 estreou *M\*A\*S\*H*, que desconstruiu o assunto “guerra” e conseguiu que ele deixasse de ser abordado de forma tão séria e passasse a ser alvo e fonte de piadas.

Numa época de conflitos, em que a todo o momento se pediam mudanças sociais, surgiu uma *sitcom* que não teve receio de criticar instituições como o governo ou o exército (Wittebols, 2003: 16). Baseado num livro com o mesmo nome – que, aliás, deu origem a um filme de sucesso em 1970 – *M\*A\*S\*H* seguia a vida de um grupo de médicos na Coreia do Norte durante a guerra dos anos 50. Como afirmou David Marc, a personagem principal, Hawkeye Pierce, “era um herói dos anos 60 numa *sitcom* dos anos 70 ambientada nos anos 50” (Wittebols, 2003: 16).

No final dos anos 70 estreou a *sitcom* norte-americana *Three’s Company* (1977-1984). Através de um argumento que se concentrava na vida de três pessoas solteiras – duas mulheres e um homem – a viver no mesmo apartamento, surgiu um humor muito mais sexual. A trama girava à volta da falsa homossexualidade do homem da casa, já que esta era a única forma encontrada para convencer o senhorio a deixá-lo permanecer ali, e tornou as insinuações sexuais uma forte presença nas *sitcoms* até ao presente.

Mais tarde, no fim dos anos 80 e início da década de 90, *Seinfeld* (1989-1998) tornou-se num verdadeiro fenómeno, com situações do dia-a-dia que expunham de forma subtil os preconceitos sociais (Mateus, 2007: 8). A série seguia o quotidiano do artista de *stand-up comedy* Jerry Seinfeld, enfatizando “trivialidades da vida” (Bjorklund, 2012: 3).

“Eu lembro-me de uma piada dele (do Jerry Seinfeld)... não é bem uma piada, é uma observação que ele diz que está no banho, no duche, e olha para a parede do duche e vê um pelo na parede e aquilo incomoda-o, e o que é que ele faz: em vez de tirar com mão, porque aquilo é nojento, põe as mãos em concha e depois atira a água para o pelo ir descendo, mas o pelo resiste e agarra-se à parede. Ora eu quando ouvi isso... eu faço isso, quando vejo um pelo no banho eu faço isso, e disse: «isto é fantástico, acontece-me a mim», e só isso é engraçado. São pequenas coisas que nós vivemos e de que ninguém fala.” (in Cantante, 2007)

O sucesso de *Seinfeld* deveu-se muito a esta comédia baseada em pequenos eventos do dia-a-dia e com os quais facilmente nos identificamos. Esses eventos eram

a principal inspiração para a comédia desenvolvida por Jerry Seinfeld, nome do protagonista e também do criador da série (Bjorklund, 2012: 3).

### 1.1.2. Outros formatos

Os programas de variedades vieram, ao longo dos anos, mostrar vários formatos cômicos em televisão, incluindo a *stand-up comedy* e os *sketches* (Walker *et al.*, 1998: 262)

A *stand-up comedy* é uma forma de arte performativa, dirigida directamente a um público, com quem o humorista pretende estabelecer algum tipo de ligação, e é consolidada a partir dos risos da audiência. O artista de *stand-up comedy* escreve textos a partir das mais diversas situações, já que qualquer assunto pode ser alvo de uma piada. Desde temas políticos a experiências pessoais que se podem tornar absurdas e exageradas, tudo pode servir de base para o trabalho em *stand-up*. A narrativa e os jogos de palavras continuam também aqui a ter grande força, tal como numa narrativa tradicional (Attardo, 2014: 736-737).

A *stand-up comedy* é uma forma de comédia habitual em *talk-shows* norte-americanos, como é o caso de *Late Night Show* (NBC), onde é habitual em cada episódio uma *performance* de um comediante convidado. Conan O'Brien, um dos antigos apresentadores de *Late Night Show*, tem hoje um programa com o seu nome, *Conan*, iniciando cada episódio com um monólogo humorístico, algo habitual em *talk-shows* apresentados por comediantes.

Mas os programas constituídos por *sketches* cômicos também conhecem bastante sucesso na televisão. Aliás, os *sketches* estão presentes nos mais variados formatos televisivos, incluindo em *talk-shows* e telejornais satíricos.

*Saturday Night Live* [SNL], no ar desde 1975, é o responsável pelo lançamento para a ribalta de comediantes como Bill Murray ou Eddie Murphy. O programa é constituído por *sketches* que criticam e fazem paródia da vida pública e privada americana (Mateus, 2007: 10).

Lorne Michaels, produtor de *Saturday Night Live*, afirmou: "Gostava de ter algum tempo livre, ver televisão de novo, ficar zangado com aquilo que vejo e depois começar a pensar num novo programa" (in Burns e Thompson, 1991: 190). A vontade de inovação foi aparecendo no contexto televisivo ao longo do século XX, tendo sido o *SNL* pensado e criado neste sentido. Mas o que começou por ser um programa original e irreverente, que quebrava com os antigos moldes, acabou como uma fórmula, com várias temporadas e servindo de base a inúmeros programas por todo o mundo.

Dave Chapelle é o apresentador e criador de *Chappelle's Show* (2003-2006). Este "poderoso fenómeno cultural" (Perks, 2008: 9), apresentou-nos *sketches* envolvidos em controvérsia, ao usar os estereótipos raciais e culturais como temas. O programa tem "um olhar desenfreado e franco sobre a questão da raça na América" (Perks, 2008: 5). *Chappelle's Show* fez parte da programação do canal dedicado exclusivamente à comédia Comedy Central durante vários anos.

### **1.1.3. O caso português**

No fim da década de 60, Raul Solnado apresentava o *Zip Zip*, o primeiro *talk-show*, com muita comédia à mistura, gravado com o público presente (Teves, 2007: 96). Solnado, através da sua comédia *nonsense* que, muito dissimuladamente criticava a ditadura sob a qual Portugal vivia (incluindo a Guerra Colonial), tornar-se-ia no "pai do *stand-up* nacional" (Mateus, 2007: 11). O *Zip Zip* ajudou a mudar mentalidades durante a Primavera Marcelista, em 1969, através de uma crítica disfarçada com piadas ao regime que deixava de ser de Salazar para ser de Marcelo Caetano.

Sobre este período político, Nicolau Breyner afirmou: "Odeio a censura, como toda a gente, mas a verdade é que potenciou o aparecimento de um humor mais elaborado. A guerra constante com a censura era excitante". Para o actor, antes da Revolução dos Cravos o humor era muito mais "sofisticado" (in Cerqueira, 2014: 18-19).

Já depois do 25 de Abril, um jovem Herman José começava a ser falado no meio humorístico português devido à rábula "Sr. Feliz e Sr. Contento" (1975), inserida no

programa apresentado por Nicolau Breyner *Nicolau no País das Maravilhas* (Teves, 2007: 128).

Em 1983 estreou *O Tal Canal*, cujas personagens inesquecíveis fizeram de Herman José uma personalidade do humor português (Mateus, 2007: 11). O programa era da autoria do próprio Herman José (Cerqueira, 2014: 19), assim como *Parabéns* (1992-1996), *Herman Enciclopédia*, de 1997 (Mateus, 2007: 11), entre muitos outros programas que envolveram o trabalho das Produções Fictícias. Um dos *sketches* mais polémicos em Portugal, um país profundamente católico, surgiu em *Parabéns*. Intitulado “A Última Ceia”, o *sketch* usava a cena bíblica da Última Ceia para criticar a exclusividade da informação revelada pela SIC, a primeira televisão privada do país.

*O Contra Informação*, que esteve no ar durante mais de dez anos, é conhecido essencialmente por satirizar políticos e outras figuras públicas portuguesas. Através de bonecos, que no fundo são caricaturas de diversas personalidades, conquistou audiências e permaneceu em exibição sempre com novas personagens durante muitos anos.

Recentemente, o humor português passou a ser fortemente influenciado pelos produtos anglo-saxónicos (Silva, 2008: 13), muito graças ao trabalho desenvolvido pelas Produções Fictícias, que, como afirma Nuno Artur Silva, defendiam “o estatuto do argumentista” (Margato, 2015: 18). “Ao sócio maioritário das Produções Fictícias interessa introduzir no país produtos humorísticos que nunca tenham sido por cá experimentados e que se definam substantivamente por contraposição ao humor dominante em Portugal no plano comercial” (Margato, 2015: 18). Foi neste contexto de inovação que surgiram programas como *Gato Fedorento* e, mais tarde, *Os Contemporâneos*.

Cerca de três anos depois das transmissões da SIC Comédia, um canal dedicado ao género, terem sido canceladas, nasceu o Canal Q, onde a comédia não ocupa um papel exclusivo mas antes de destaque. A influência das Produções Fictícias é inevitável, uma vez que o canal por cabo surgiu a partir de um projecto criado por esta produtora.

## 1.2. O humor não convencional

### 1.2.1. A necessidade de uma televisão diferente

Na cerimónia de entrega dos prémios Emmy em 1983, Pat Weaver enfatizou a necessidade de a televisão voltar ao seu estado mais “puro” através de programas inovadores, nos quais a comédia teria um papel fundamental (Burns e Thompson, 1990: 185), devendo esta ser mais espontânea e regressar às ditas origens da televisão ao vivo.

Embora poucas pessoas tivessem apostado em programas com formatos realmente alternativos ao longo da história da televisão, alguns programas com uma linguagem artística, cômica e muito pessoal foram aparecendo ao longo dos anos.

Alguns dos maiores e primeiros exemplos são *Your Show of Shows* (1950-1954) ou *Laugh-In* (1967-1973) (Burns e Thompson, 1990: 185). O primeiro era um programa de comédia constituído por monólogos e *sketches* que satirizavam a cultura *pop* americana da altura. Apesar de ter como convidados estrelas do cinema e do teatro, ao contrário de outros programas do género, *Your Show of Shows* não colocava especial destaque nesses mesmos convidados mas sim nos actores protagonistas da sua comédia, como é o caso de Sid Caesar. A grande inovação foi o facto de o programa mudar de apresentador todas as semanas, sendo que estes apresentadores eram actores de cinema e teatro bastante conhecidos do público (Tueth, 2008: 27).

No fim da década seguinte nasceu *Laugh-In*, apresentado por Dan Rowan e Dick Martin, e cujo público-alvo eram os mais jovens. O programa foi uma forma de revolucionar a televisão, continuando com os ideais e espírito inconformistas da época: questionar o poder estabelecido, abordando assuntos como a invasão militar do Vietname por parte dos EUA, a discriminação racial, os direitos dos homossexuais ou a liberdade sexual. O programa era constituído por *sketches* cujas personagens principais iam desde *hippies* consumidores de drogas a poderosos afro-americanos (Feil, 2014).

*That Was The Week That Was* e os Monty Python são outros programas de referência, com estilos livres de comédia que tiveram sucesso dentro e fora dos seus países (Burns e Thompson, 1990: 189).

Mais tarde, *Saturday Night Live* tornou-se num dos programas de maior referência e sucesso nos EUA e não só, abordando temas de forma não convencional e envolvendo as audiências de uma forma imprevisível (Burns e Thompson, 1990: 185).

Visões alternativas da cultura e do próprio funcionamento das instituições são algumas das características mais fortes dos programas não convencionais. A maioria deles, por fugir às regras que outros programas de televisão cumprem à risca, para além de nos apresentar formatos que são, em si, novos, também nos mostra visões e opiniões do mundo que não são habitualmente discutidas em televisão. Ao mesmo tempo que nos podem revelar o que de melhor se faz no mundo, também não deixam de ter uma visão crítica daquilo que acontece de pior, desenvolvendo-se assim uma relação de amor/ódio com a cultura *pop*.

Em séries como *Seinfeld* ou mesmo em *The Simpsons*, não existe uma continuidade nos episódios: o que acontece num episódio não tem consequências no seguinte. Em séries de televisão de comédia não convencionais, é habitual a relação entre vários enredos e a existência de histórias entrelaçadas que muitas vezes colidem e outras coincidem (Mittel, 2006: 34).

As séries, e outros programas cómicos, que mais impacto tiveram por todo o mundo são, essencialmente, de origem americana e britânica. Programas irreverentes tanto de um como do outro lado do Atlântico tiveram um impacto enorme na cultura de muitos países. Um dos exemplos gritantes são os Monty Python, grupo sobre o qual falarei mais à frente.

A televisão por cabo permitiu o surgimento de novos formatos, bastante diferentes daqueles que eram propostos pelas televisões generalistas. Nasceram canais com características próprias, que serviam um determinado público, que pagava por esse serviço. Um dos maiores exemplos é o canal de televisão norte-americano Comedy Central, criado em 1991. Inicialmente com uma programação que incluía antigos filmes e séries britânicas, como *Monty Python's Flying Circus*, passou mais tarde a transmitir programas de comédia originais, incluindo alguns baseados em notícias e eventos políticos (Jones, 2004: 564), como *The Daily Show*, *South Park* ou *Futurama*.

Mas não foi só dos Estados Unidos da América que chegaram aquelas que se viriam a tornar nas maiores referências da originalidade na comédia televisiva. O Reino Unido deu a conhecer ao mundo programas que se caracterizam, essencialmente, pela irreverência. Sobre o humor britânico, António Feio afirmou: “Prefiro o humor britânico, mais refinado e ao mesmo tempo mais incisivo e contundente. (...) Acho que é um humor mais onírico que através de várias fórmulas leva-nos para outras áreas. Vejo muita coisa, mas os Monty Python são uma referência.” (in Mateus, 2007: 8)

*The Office* (2001-2003), escrito e protagonizado pelo britânico Ricky Gervais, é uma série que acompanha a vida – ou a falta dela – num escritório dos subúrbios de Londres e onde reina a apatia. “Obrigava a ler mais entrelinhas que texto principal, porque fazia o espectador pensar e sentir-se *voyeur* do desespero alheio e porque conseguia ser cru ao ponto de fazer corar um estivador” (Mateus, 2007: 8). O estilo *shaky camera* aproxima o telespectador da série, ao transformá-la numa espécie de documentário com vários episódios, onde cada personagem faz o seu próprio depoimento sobre os diversos acontecimentos.

*Little Britain* é também um programa de *sketches* britânico que chegou à televisão em 2003. Matt Lucas e David Williams são os criadores e os protagonistas daquela que se tornou numa série de culto, criando personagens que são a caricatura das mais diversas personalidades, maneiras de ser, formas de estar. Muitas vezes recorrendo à sátira, os dois criaram frases impossíveis de esquecer como “no, but, yeah, but, no, but...” (Lockyer, 2010: 1-2).

Também do Reino Unido chegou até nós o trabalho do actor Sacha Baron Cohen – também conhecido por Ali G, ou Borat, ou mesmo Bruno. Através da sua técnica muito própria de “apanhados”, Cohen envolve figuras públicas em situações cómicas sem que elas percebam que estão a compactuar com situações, muitas vezes, totalmente surreais. O britânico foi o responsável pela série *Da Ali G Show* (2000-2004), cujas personagens deram origem, mais tarde, a vários filmes (Mateus, 2007: 11).

### 1.2.2. O caso Monty Python

*Monty Python's Flying Circus* foi uma série britânica de *sketches* que estreou em 1969, depois de praticamente uma década de conflitos, inovação e, acima de tudo, conquista de liberdades fundamentais. Com mudanças a todo o momento, já pouco surpreendia verdadeiramente o mundo (Hardcastle e Reisch, 2006).

Mas os Monty Python conseguiram fazê-lo, influenciando geração após geração. Aliás, foi precisamente este clima de mudança que permitiu que grupos como os Monty Python surgissem (Landy, 2005: 15).

Os seus visuais surreais, os jogos de palavras inteligentes e toda a *puro absurdo* mudaram a comédia e acabaram por se tornar no “alicerce da nossa consciência partilhada”, como afirma Richard Topping. Os Python conseguiram chegar a toda a gente, tornando-se um fenómeno, existindo a sua comédia em cada um de nós. Era uma verdadeira “experiência partilhada” (Topping, 2010).

Do grupo faziam parte cinco britânicos, John Cleese, Michael Palin, Terry Jones, Graham Chapman e Eric Idle, e um americano, Terry Gilliam. O *nonsense* era, talvez, a principal característica dos Python, não esquecendo que o grupo destruiu barreiras de “bom senso e bom gosto” (Mateus, 2007: 8). O *nonsense* dos Monty Python é perceptível na sua linguagem corporal, na inversão das categorias linguísticas e na distorção da percepção visual dos lugares e dos eventos (Landy, 2005: 3).

Através do uso da nudez, da sexualidade explícita, da violência e de linguagem considerada pouco correcta, os Python romperam com as barreiras impostas pelo próprio mundo da televisão. As quatro temporadas de *Monty Python's Flying Circus* foram uma forma de a televisão experimentar novos formatos. Devido ao facto de ser uma série onde todo o tipo de temas era abordado, - desde os temas comuns a todos até áqueles com os quais apenas uma minoria se podia relacionar – *Monty Python's Flying Circus* atingiu muito facilmente variadíssimos públicos, tanto de um como do outro lado do Atlântico (Landy, 2005: 2-3).

Foi no decorrer da primeira temporada da série que o grupo começou por optar por um estilo mais livre de comédia, abandonando as *punch lines*, e, ao longo das

várias temporadas, o seu estilo de fluxo de consciência foi sendo cada vez mais utilizado (Landy, 2005: 4).

A popularidade do grupo cresceu ao longo da série essencialmente devido ao facto de ser eclético, ousado e inovador (Landy, 2005: 5).

### **1.3. O humor e a sátira na televisão**

No último dia de 1988 foi para o ar no Brasil a *Retrospectiva do Ano*, como de resto é tão comum acontecer em todo o mundo no final de cada ano. A grande diferença é que as imagens mostradas pertenciam a 1958, em tudo idêntico ao ano que na realidade acabava, desde as figuras políticas aos problemas sociais (Machado, 2005: 53). Para além de isto ser, claramente, um exemplo de estagnação social e de todas as consequências disso, era uma crítica a um regime que de facto não funcionava mas no qual todos continuavam a apostar. Esta crítica foi, por diversas vezes, feita através de meios menos convencionais, incluindo através do humor.

Dependendo da sua apresentação, a comédia é capaz de analisar e comentar a ordem social dominante (Burns e Thompson, 1990: 189). Na Grécia Antiga, a sátira era um termo utilizado para um tipo de humor muito particular: aquele que ridicularizava a loucura e os vícios do Homem ao responsabilizar as pessoas pelos seus actos públicos (Gray *et al.*, 2009: IX). Nos dias que correm não é estranho vermos figuras públicas, principalmente aqueles com responsabilidades sociais como profissão, serem alvos de críticas através do humor. A televisão é o meio mais propício para isso acontecer, devido, essencialmente, ao papel privilegiado que esta tem na discussão dos acontecimentos públicos (Gray *et al.*, 2009: 11).

O humor dá-nos sempre a possibilidade de um efeito de “desfamiliarização”, permitindo-nos um segundo olhar sobre aquilo que está à nossa volta, tornando-nos “espectadores filosóficos sobre as nossas vidas”.

"The comedian behaves like a visitor from another planet, vainly trying to disappear into practices that we take for granted... But we watch the comic from a this-world perspective, like Sancho Panza, enjoying... from a distance,

where we can suspend reality, and yet still engage in reality testing.” (in Gray *et al.*, 2009: 9)

Mikhail Bakhtin, autor russo de meados do século XX, escreveu que o riso é único, permitindo-nos analisar, reflectir e criticar a sociedade. Bakhtin afirmava ainda que o riso nos permite aproximar de qualquer objecto de uma distância saudável, de onde podemos explorar, examinar e experimentar. Dá mesmo o exemplo do Carnaval como aquela época do ano em que, supostamente, não devem existir normas sociais. Tal como a comédia, também o Carnaval desafia a ordem e tenta escapar dela (Gray *et al.*, 2009: 9-10).

A sátira transforma emoções como a raiva, a vergonha ou a indignação numa expressão útil e artística. O propósito da sátira é, assim, uma mudança positiva. Aqueles que satirizam olham para a sua tarefa como um meio de distinguir o bem do mal, estando dispostos a atacar o mal (Gray *et al.*, 2009: 12).

Sem, muitas vezes, provocar o riso, a sátira tem a capacidade de produzir desprezo social ou fazer acusações através da “brincadeira” e, assim, transforma o acto agressivo de ridicularizar num acto socialmente mais aceitável: tornar algo ridículo (Gray *et al.*, 2009: 12-13). Ou seja, a sátira revela pequenos pormenores que no seu conjunto tornam uma certa pessoa ridícula, mas sempre depois de uma análise feita por aqueles a quem a sátira se dirige, que pode ser um telespectador ou um leitor. São os actos de determinada pessoa que a tornam ridícula: a sátira revela esses actos.

A sátira pretende levantar questões e não necessariamente dar respostas. Através da ridicularização (o meio), a sátira pretende mudar a sociedade (o fim). Ao julgar uma atitude, por exemplo, permite ao espectador uma reflexão sobre essa mesma atitude, esperando, depois, que essa possa ser alterada. Desta forma, a sátira é um forte meio de comunicação em termos políticos (Deodato, 2007-2008: 38). A sátira, em si mesma, assume a função de entretenimento e de “intervenção social”. Segundo Ricardo Araújo Pereira “a sátira distorce a realidade de uma forma grotesca. Mas apesar de ser uma distorção grotesca da realidade, devolve-nos a realidade às vezes de uma forma mais clara do que aquilo que ela era” (in Deodato, 2007-2008: 39).

Apesar de ser visto, muitas vezes, como algo “fútil”, o humor pode ser utilizado como uma forma de denunciar e reflectir sobre a sociedade. Muitas vezes, o humor é mesmo o único meio disponível para essa mesma denúncia e reflexão (Deodato, 2007-2008: 40). Desta forma, a sátira é um “meio de nos retirar do nosso estado de apatia ou indiferença, é um meio através do qual os cidadãos podem tornar-se mais críticos e conscientes” (Deodato, 2007-2008: 42).

A televisão soube usar mecanismos satíricos para fugir ao jornalismo sério e criar programas que vão, de facto, ao cerne da questão. Obviamente não existe uma posição neutra nesses programas, mas se assim fosse não se distinguiam dos outros.

Os autores de *Satire TV: Politics and Comedy in The Post-Network Era* falam de um género televisivo próprio: a *satire TV*. Isto acontece devido, essencialmente, ao enorme crescimento da sátira em televisão na era pós-*network*. Os autores afirmam ainda que os programas de televisão satíricos são parte essencial na forma como a cultura política é exposta no pequeno ecrã (Gray *et al.*, 2009: 6). Ver programas de sátira social é, também, uma forma de nos mantermos informados ao mesmo tempo que reflectimos sobre temas mais ou menos polémicos, obrigando-nos, de certa forma, a ter uma visão mais crítica daquilo que nos rodeia.

A sátira aproxima o público da política, mas requer que o primeiro tenha certos conhecimentos para que a mensagem seja percebida (Deodato, 2007-2008: 41).

A Comedy Central, já referida acima, mudou o panorama televisivo americano nos anos 90 devido à forte presença da sátira, com programas como *Politically Incorrect*, *The Daily Show* ou *South Park* que se caracterizavam, essencialmente pela presença de humor político (Deodato, 2007-2008: 45).

Um momento alto da sátira televisiva em Portugal foi a estreia do programa dirigido pelos Gato Fedorento *Esmiuça os Sufrágios*, durante a campanha para as eleições legislativas de 2009. Pela primeira vez em Portugal um só programa satírico reunia os principais intervenientes da política nacional: José Sócrates, Jerónimo de Sousa, Francisco Louçã, entre outros.

“É na TV satírica que encontramos algumas das análises do panorama político mais inteligentes, complexas e provocantes, assim como às vezes mais refrescantes e únicas sobre a política” (Gray *et al.*, 2009: 32).

### **1.3.1. *The Daily Show***

O telejornal satírico norte-americano apresentado por Jon Stewart, *The Daily Show*, é talvez um dos melhores exemplos de sátira televisiva. É, em simultâneo, um noticiário – mesmo que, por vezes, com notícias fictícias –, um *talk-show* e *stand-up comedy*. Em parceria com outros comediantes (que podem ter o papel de peritos ou repórteres), Stewart conquistou audiências, principalmente as mais jovens, que cada vez mais procuram formas alternativas de ver televisão (Pinheiro, 2010).

O programa atingiu um ponto de viragem em 1999, quando Craig Kilborn foi substituído por Jon Stewart como apresentador. Durante os primeiros dez anos do século XX, o *The Daily Show* tornou-se numa verdadeira referência para a sátira em televisão e mesmo para os jornalistas. Segundo Lauren Feldman, o programa tornou-se num “acontecimento que permitiu aos jornalistas reavaliarem as regras e princípios que ditam a prática profissional e jornalística” (in Deodato, 2007-2008: 45).

## 2. O Canal Q

### 2.1. As Produções Fictícias

Antes de as Produções Fictícias começarem a desenvolver o seu trabalho, o humor em Portugal era ou amador, ou da autoria de Herman José ou programas feitos com base nas piadas fáceis e nas anedotas que todos percebiam, muito influenciados pela revista portuguesa, como o programa *Malucos do Riso*.

O grupo de fãs dos Monty Python, com formação superior e espectadores de programas ingleses e americanos (Santos, 2006: 19), que no início se denominava como *Produções Fictícias Apresentam*, veio mudar o panorama da comédia em Portugal. O grupo de criativos era constituído por Nuno Artur Silva, Miguel Viterbo, Rui Cardoso Martins, José de Pina e Nuno Rebelo (Santos, 2006: 30)

As Produções Fictícias – ou PF - surgiram no contexto televisivo em que era tudo controlado pela RTP, a única empresa da área em Portugal, dominando por completo a área do humor. Não existiam especialistas para cada uma das áreas. Muitas vezes os jornalistas eram, em simultâneo, guionistas e directores de programas, uma tarefa para a qual não tinham a preparação, nem mesmo formação, necessárias. Na altura, diziam a Nuno Artur Silva que não existiam argumentistas em Portugal. Mas, da mesma forma, não existiam realizadores ou produtores. Assim, a televisão em Portugal funcionava à pressa e sem recursos (Santos, 2006: 33).

Nuno Artur Silva afirmou:

“Eu costumo dizer que o Raul Solnado, o pioneiro da *stand-up* comedy em Portugal – veja-se, por exemplo, *A História da Guerra* –, foi o general Humberto Delgado do humor português (felizmente a PIDE não o assassinou...); Nicolau Breyner, com *Nicolau no País das Maravilhas*, fez golpe das Caldas, uma pré-revolução; e finalmente o Herman foi o 25 de Abril do humor em Portugal” (in Santos, 2006: 38-39).

O primeiro grande projecto das PF envolveu o trabalho com Herman José, o primeiro em Portugal que, deixando a tradição da revista à portuguesa de parte, revolucionou a “linguagem televisiva” (Santos, 2006: 39).

Em *Parabéns* (1992-1996), Herman reunia entrevistas, *sketches* e *stand-up*, muito ao estilo de Jay Leno e David Letterman, algo que não se fazia em Portugal desde o fim do *Zip Zip* (Santos, 2006: 39). Era neste programa que existia a rubrica “Boião da Cultura”, um magazine cultural que, segundo Nuno Artur Silva e os outros “produtores fictícios”, era uma forma de combater a falta de informação cultural que existia na televisão em Portugal (Santos, 2006: 55-56). A este sucesso televisivo seguiram-se os *talk-shows Herman 98, Herman 99 e Herman SIC*.

Mas antes, em 1994, e como se afirma no subcapítulo 1.1.3., as PF são as responsáveis por aquele que foi um dos *sketches* mais polémicos até então em Portugal: “A Última Ceia”. Aqui, um repórter testemunha os últimos momentos do “jovem de Nazaré”, sendo, no fundo, uma paródia à suposta exclusividade do jornalismo da única e recente, na altura, televisão privada em Portugal: a SIC (Santos, 2006: 64 - 65).

Depois de uma primeira versão para a rádio ter sido tão criticada, o texto foi revisto e Herman interpretou-o em *Parabéns*. No entanto, as críticas continuaram, mas as Produções estavam agora a dar que falar (Santos, 2006: 66).

A maioria dos textos das PF faz referência a livros, filmes, músicas, peças de teatro e, portanto, o humor é, na maior parte das vezes, acompanhado de cultura. Segundo José de Pina e Rui Cardoso Martins: “isso é um dos nossos métodos de trabalho: incorporar aquilo que vemos de melhor e até de pior” (in Santos, 2006: 73). Desta forma, para atingirem certos públicos outros tiveram que ficar de fora. Embora a aliança que souberam fazer entre piadas banais e piadas sobre, por exemplo, filósofos gregos – algo, aliás, directamente inspirado num *sketch* dos Monty Python: *The Philosophers’ Football Match* -, tenha resultado e os seus programas atingiram o sucesso, mesmo em horário nobre e em televisões generalistas. O seu humor de qualidade e elaborado foi bem sucedido e isso é já visível no início da sua história, em programas como *Parabéns* e *Herman Enciclopédia* (Santos, 2006: 73).

A ironia é um elemento muito utilizado, podendo tornar-se num problema porque nem sempre é perceptível (Santos, 2006: 74). No entanto, acabou por se tornar numa das características dos textos dos “produtores fictícios” e nunca desiluiu.

O *Contra Informação*, programa de humor com bonecos que caricaturavam figuras da vida pública portuguesa, principalmente políticos, como um acto de coragem, ia para o ar a seguir ao telejornal da RTP1. Recorrendo com frequência à ironia, o programa tornou-se num verdadeiro sucesso e numa marca das PF (Santos, 2006: 137 - 138).

“Além da nossa independência editorial, também a nossa independência mental: nós não somos de nenhum partido”, afirmou José de Pina sobre o facto de muitos se sentirem incomodados com a forma como o *Contra Informação* abordava os assuntos, tratando-se, no fundo, apenas de um programa de humor (in Santos, 2006: 151).

O *Inimigo Público* é outro caso de sucesso. É um jornal satírico que sai todas as sextas com o *Público*. Como afirmou Luís Pedro Nunes, “é um produto que mexe com os cânones do produto jornalístico” (in Santos, 2006: 167). A partir de notícias reais, o *Inimigo Público* cria notícias ficcionadas que, recorrendo à ironia também em muitos casos, se tornam verdadeiramente hilariantes e, em certos momentos, questionamos a falsidade daqueles artigos porque, apesar de muitas vezes surreais, o mundo surpreende-nos tanto a cada momento que começámos a pensar que aquilo que lemos pode ser verdadeiro (Santos, 2006: 173).

No final dos anos 90, Nuno Markl fundou a rubrica da Rádio Comercial “O Homem que Mordeu o Cão”, que acabou por dar origem a livros (Santos, 2006: 202-203). Uma rubrica de minutos onde Markl relatava notícias bizarras de forma cómica originou um enorme impacto: as manhãs no trânsito das grandes cidades portuguesas não foram mais as mesmas (Santos, 2006: 204). Ao mesmo tempo, Markl continuava a escrever *sketches* para os programas de Herman José e dedicou-se a divulgar os Cebola Mol, uma banda constituída por Eduardo Madeira e Filipe Homem Fonseca (ambos produtores criativos), irreverente, humorística, que rompia com todos os códigos e bebia directamente do absurdo puro (Santos, 2006: 206). Lançaram discos, para desagrado de muitos, mas, como disse Nuno Markl: “Não era um insulto à música – era um projecto de humor puro e simples” (in Santos, 2006: 207).

Ao criar as PF, Nuno Artur Silva pretendia projectos novos de humor e ficção. Conseguiu pôr em contacto pessoas que acabaram por ser responsáveis por alguns dos mais bem sucedidos e irreverentes projectos cómicos em Portugal. Nem *O Homem que Mordeu o Cão* nem o *Gato Fedorento* pertencem, oficialmente, às Produções Fictícias, mas foi nas salas das PF que ambas nasceram e cresceram. As PF agenciaram e produziram os dois projectos. A forma completamente diferente de provocar o riso foi bem recebida pelo público e ambos os programas mostraram a Portugal novas técnicas de fazer comédia (Santos, 2006: 220 - 221).

O *Gato Fedorento* começou por ser um conjunto de textos cómicos escritos por cada um dos quatro constituintes do grupo (Ricardo Araújo Pereira, Zé Diogo Quintela, Miguel Góis e Tiago Dores) num *blog* e passou a uma série de televisão na SIC Radical, não esquecendo que pelo meio aconteceu ainda o *Perfeito Anormal*, um programa apresentado por Fernando Alvim e Nuno Markl (também na SIC Radical), e onde Ricardo Araújo Pereira e Zé Diogo Quintela escreviam e interpretavam *sketches* em cada programa. Depois disto, foi um salto rápido para os *sketches* de 25 minutos do *Gato Fedorento*, já com Tiago Dores e Miguel Góis, no mesmo canal (Santos, 2006: 232).

Muito influenciados pelo grupo britânico Monty Python, os próprios autores afirmaram que o mais interessante no programa era a liberdade que lhes era permitida, desenvolvendo as ideias da forma que queriam e apresentando-as ao público sempre segundo as suas ideias. Miguel Góis afirmou: “O que nós queremos é fazer aquilo que supostamente nunca foi feito” (in Santos, 2006: 236-237). Isso aconteceu e resultou em grandes sucessos que chegaram à RTP e à SIC generalista.

Para além de todos estes sucessos, as Produções Fictícias estão por trás de peças de teatro e espetáculos de *stand-up comedy*<sup>1</sup>, que sempre procuraram que fossem irreverentes e originais, mostrando algo de novo ao público português (Santos,

---

1 Um dos exemplos foi a comédia musical *Portugal, uma Comédia Musical*, que parodiava, através de músicas e em teatro, o estado televisivo, político e cultural do país. *Manobras de Diversão* (com Marco Horácio, Bruno Nogueira e Manuel Marques), por sua vez, foi um projecto inicialmente de *stand-up* e, mais tarde, de televisão, que, desconstruindo a revista à portuguesa, fez uma crítica ao estado da nação. (Santos, 2006: 289-292).

2006: 285). No fundo, as PF tentam que o humor em Portugal não se restrinja “à anedota fácil e inconsequente” (Santos, 2006: 287).

As Produções Fictícias trouxeram para Portugal o modelo de trabalho em que tudo nasce a partir do texto e desta forma, como diz Nuno Artur Silva, “o argumentista comanda as operações”.

Inicialmente as PF começaram por ser um grupo de argumentistas, depois começaram a produzir, depois a agenciar, deram cursos e *workshops* e agora, finalmente, têm o seu próprio canal de televisão, no qual concentram todos os esforços.

“Dentro destas diferenças todas, eu diria que a característica geral (dos produtos das Produções Fictícias) é a da procura da inovação, procurar entrar por territórios que em Portugal, sobretudo, não foram explorados (...) Quando eu digo que (o humor da empresa) não tem a ver com o humor português, é o humor português dos últimos anos, o humor da Revista, o humor brejeiro, o humor dos Malucos do Riso, isso é humor que nós não fazemos” (Cantante, 2001: *online*).

## **2.2. Canal Q: *Um canal e pêras***

A 29 de Março de 2010 começou a fazer parte da grelha de canais da MEO um canal chamado Canal Q, cuja programação não era de todo igual àquela que se vê nos outros canais portugueses.

Na altura em que a MEO ainda pertencia à PT, os interesses das Produções Fictícias – que tinham a ambição de criar um canal de televisão irreverente – e os interesses da empresa de telecomunicações portuguesa – que pretendia criar um canal interactivo – cruzaram-se. Assim nasceu o Canal Q, com programas cujos elementos, como não podia deixar de ser, lembram sempre aquilo que as PF trouxeram de novo ao panorama televisivo português.

Nuno Artur Silva aponta, em entrevista feita no contexto deste relatório (ver anexo 1), como principais características do canal o humor, a desconstrução, a ironia, o

sarcasmo, a irreverência. Em simultâneo, o entretenimento e a cultura *pop* são duas coisas que se conjugam (Silva, 2014).

A programação do canal gira em torno de programas de conversa. Nestes são apresentados *sketches*, rubricas de ficção e outros vídeos. Todos os dias, às 22h30 – sensivelmente uma hora depois do término dos telejornais nos canais generalistas – vai para o ar o *Inferno*: um telejornal satírico que mostra as notícias de outro ponto de vista.

Cada dia da semana é dedicado a um tema diferente: segunda-feira é o dia do amor e das relações, com o programa *Esquadrão do Amor*; terça-feira é o dia do futebol com o *Super Adeptos*; a quarta-feira é dedicada à política com um programa de discussão sem moderador, o *Sem Moderação*; quinta-feira é o dia dedicado à cultura com um programa apresentado pelo próprio Nuno Artur Silva, *Nas Nuvens*; sexta-feira é dia de *Altos e Baixos*, dedicado à televisão; finalmente sábado é o dia em que estreia, em cada semana, um novo episódio de um programa de biografias *Baseado numa História Verdica*.

O domingo é o dia em que determinados episódios de alguns programas são repetidos. Normalmente estes episódios são os que foram mais bem recebidos pelo público durante a semana anterior.

Nuno Artur Silva acrescenta que o canal pretende brincar com a televisão, e isto é também visível nos próprios intervalos, preenchidos com muito humor e publicidade ficcionada.

O Canal Q não é um canal televisão exclusivamente de humor, mas este género tem o maior peso nos conteúdos. As principais referências dos guionistas e criativos vão desde os Monty Python a Ricky Gervais, passando pelos próprios programas desenvolvidos ao longo de anos pelas Produções Fictícias, que já são um exemplo a seguir para aqueles que querem fazer comédia em Portugal.

Nuno Artur Silva afirma ainda que, no contexto televisivo português, o Canal Q é um canal com uma lógica *indie*. Aliás, é o único. Ainda segundo o director das PF e do canal, a SIC Radical foi, em tempos, um canal dedicado à inovação e onde se podia

realmente experimentar. É importante não esquecer que foi o primeiro canal a apostar no Gato Fedorento, por exemplo. Mas, nos dias de hoje, é principalmente um canal de transmissão de conteúdo internacional e, desta forma, o Canal Q não concorre directamente com nenhum outro canal televisivo.

Ana Markl, apresentadora (e criadora) de *Esquadrão do Amor*, afirma, também em entrevista feita para este relatório, que o Canal Q se define como o canal que permite “aquilo que nos dá na real gana” (Markl, 2014). Para a apresentadora o que distingue o Canal Q dos outros canais é a liberdade – salientando que sempre com muito profissionalismo e responsabilidade – e o facto de, como ela própria diz, o canal “não subestimar a inteligência dos espectadores como fazem os outros canais generalistas” (Markl, 2014).

Aquando do aniversário do Canal Q, no fim de Março de 2014, Nuno Artur Silva afirmou que têm revelado novos talentos, desde actores a apresentadores, acrescentando que a série de sketches *Camada de Nervos* é constituída por aquela que será “a próxima geração de actores de comédia” (Silva, 2014). Para o director-geral do canal, é a única televisão portuguesa que procura ao máximo produzir conteúdo nacional e exibi-lo. A verdade é que a única aposta internacional do momento pelo Canal Q é a série *Derek*; tudo o resto é de produção própria, apesar de o dinheiro não abundar.

Nuno Markl disse nas mesmas circunstâncias em entrevista ao *Diário de Notícias*: “Experimentaram-se coisas muito novas e essa natureza de tubo de ensaio constante é um dos grandes trunfos do Q (...) acho que já experimentei mais formatos e ideias no Q do que em toda a minha vida” (in Fernandes, 2014: 51).

### **2.3. Inferno**

Se ligarmos a televisão às 22h30, durante qualquer dia da semana (com excepção do domingo), deparamo-nos com um telejornal que, à excepção do modo mais formal como os apresentadores se vestem e de realmente nos informarem, pouco

ou nada têm que ver com os telejornais das 20h transmitidos por qualquer um dos canais generalistas portugueses.

Fazendo lembrar o trabalho que Jon Stewart desenvolve em *The Daily Show*, nos Estados Unidos da América, o *Inferno* – para o qual a produtora, Sandra Borges, admite que Stewart é uma influência – é o único telejornal satírico em exibição em Portugal neste momento.

Como Nuno Artur Silva afirma, o *Inferno* mostra as notícias como o Canal Q as vê, ou seja, não se limita a uma posição politicamente correcta. Aliás, politicamente correcto não é uma das características nem do canal nem do jornal satírico; se assim fosse nem faria sentido a existência do próprio *Inferno*.

Nuno Artur Silva afirma que “o efeito libertador do humor e das gargalhadas é óptimo. Se a isso acrescentarmos a crítica, então é excelente. O humorista pode focar um aspecto e faz o efeito lupa, mostra-nos algo que antes não víamos com tanta clareza.”

O *Inferno* conta com quatro apresentadores (Guilherme Fonseca, Inês Lopes Gonçalves, Maria João Amorim e Pedro Vieira), sendo que normalmente é apresentado por dois deles, variando consoante o dia, e tanto os comentadores como os convidados entrevistados são uma peça fundamental.

Para Guilherme Fonseca – ou Gui como muitos lhe chamam – o *Inferno* não é tanto um instrumento de crítica, mas sim uma forma de “explicar com humor”, como ele próprio diz. Em entrevista para a construção deste relatório (ver anexo 3), Guilherme Fonseca admite que a sua cultura política não está ao nível da de alguns dos seus colegas e, desta forma, ele apoia-se na sua curiosidade para construir o programa, principalmente as entrevistas. Isto é um dos mecanismos de defesa para o apresentador, mas é também uma maneira de chegar mais perto do espectador que tem, no ecrã, alguém que faz as mesmas perguntas que um cidadão comum faria.

Para o apresentador, o *Inferno* tem a função de “desconstruir para perceber”. Aliás, o apresentador/humorista, aponta como suas principais influências Jon Stewart e George Carlin, por exemplo, conhecidos por desconstruir os mais diversos assuntos.

Para Nuno Artur Silva não existem posições neutras, permanecendo sempre um ponto de vista. “Quando se escolhe um lado omite-se outro”. Uma vez que no humor não existem as limitações comuns do jornalismo, o *Inferno* tem liberdade para fazer comédia com diversos assuntos, incluindo com figuras da política.

O cuidado com a escrita dos textos é inevitável, mas a liberdade nunca é posta de parte. O facto de já terem recebido ameaças de morte reflecte o impacto que o programa tem. Mas a questão, segundo o apresentador Guilherme Fonseca e a produtora Sandra Borges, prende-se mais com o facto de as pessoas não saberem lidar com as piadas de forma descontraída levando a problemas que nem produtores, nem guionistas, nem apresentadores conseguem controlar. Para Guilherme a discórdia irá sempre existir, mas quando se atinge um grau de violência as coisas tornam-se mais sérias.

Para Guilherme o *Inferno* é o programa ideal para quem procura que as notícias que viu num canal generalista sejam explicadas. O *Inferno* vai mais longe e *esmiuça-as*. Do ponto de vista de Sandra, também entrevistada no contexto deste relatório (ver anexo 2) o humor tem aquela particularidade de tornar tudo mais fácil, de *relativizar*, e isso é completamente nítido no telejornal satírico que ela produz.

O *Inferno* foi o programa com que mais de perto contactei durante o período de estágio. Praticamente todos os dias do meu estágio operava o teleponto, tendo assim a oportunidade de conhecer de perto e ao pormenor o alinhamento do programa, que se inicia sempre com o “Editorial”, onde são dadas as boas-vindas ao telespectador e onde se mostram as principais notícias do dia, sempre com o tom satírico a que o *Inferno* nos habituou. Outros dois segmentos do programa quase obrigatórios – são raríssimos os dias em que não os vemos – são o “Inimigo Público”, onde são expostas as notícias do jornal com o mesmo nome, e a “Previsão do Estado do Estado”, onde, ao jeito de apresentação da meteorologia prevista para o dia seguinte, se prevê como será o país nos próximos dias. Também as entrevistas têm um papel importantíssimo no *Inferno*, uma vez que os convidados são pessoas directa ou indirectamente relacionadas com os temas do dia ou da semana.

Existem também várias rubricas no *Inferno*. “Posto de Comando” é uma rubrica dirigida por Ana Markl e com ela a apresentadora mostra a sua opinião acerca dos mais variados produtos dos meios de comunicação, incluindo telenovelas e vídeos da Internet. Um trabalho, aliás, muito idêntico ao de Luís Pedro Nunes no seu “Homem do Lixo” e ao de Joana Marques em “Cadáver Esquisito”. Rúben Tiago dá a sua opinião acerca dos mais variados assuntos em “O Incrível Consciente” e em “One Woman Show” Cátia Domingos mostra a sua perspectiva sobre temas da actualidade.

Em “Meias Verdades” não são bonecos que caricaturam figuras públicas mundiais (como por exemplo em *Contra Informação*), mas sim meias. Com os acessórios certos, as vozes que procuram imitar as originais e os diálogos que exploram determinados acontecimentos, é através destas meias que o Canal Q deixa a sua marca na caricatura.

Pedro Vieira escreve e narra “Irmão Lúcia”. Através de desenhos da sua autoria, o apresentador e guionista satiriza profundamente cada tema da actualidade mundial numa rubrica de poucos minutos.

Fazem parte do alinhamento do *Inferno* várias reportagens, incluindo as geralmente fictícias de João Aragão, as reais mas satíricas de Hélder Gomes e as particularmente originais pelos assuntos abordados – e também muito pela forma como são abordados – tanto por Lúcia Coelho (“Aparições de Lúcia”) como por Wadson Lisboa (“Tropicalíssimo”). É comum também a existência de falsos directos, feitos a partir dos temas mais polémicos, e de um espaço para a opinião pública também fictício.

“Explica-me como se tivesse 5 anos” é uma rubrica de Susana Romana, onde a apresentadora (e também guionista) tira as dúvidas dos pivôs do *Inferno* através de explicações que a aproximam do papel de uma professora de crianças. Já a rubrica “Orçamento Meu”, dirigida por Maria João Amorim, tira todas as dúvidas sobre a situação financeira e económica do país e do mundo que qualquer um de nós possa ter.

Uma vez por mês tem espaço no *Inferno* o debate “Desentendam-se”, que coloca frente-a-frente ideologias opostas.

### 3. Estágio

#### 3.1. Plano de actividades

O estágio curricular no Canal Q teve início no dia 29 de Setembro de 2014, decorrendo durante o primeiro semestre do ano lectivo de 2014-2015. Terminou no dia 23 de Dezembro, tendo sido cumpridas as 400 horas de trabalho, distribuídas pelas 8 horas de trabalho diário – normalmente das 10h às 18h, apesar de não existir na prática um horário fixo quando se trata de um canal de televisão. O estágio foi orientado por Diana Coelho, directora de produção do Canal Q.

Uma vez que o estágio se desenvolveu na área da produção, o plano de tarefas definia como actividades a desenvolver os seguintes itens:

- Apoio à produção de todos os programas em estúdio.
- Assistência de produção nas gravações exteriores.
- Leitura de guiões, levantamento de *décors* e adereços.
- Operação do teleponto.
- Apoio à *régie*.
- Montagem e preparação dos cenários em estúdio.
- Observação de forma dinâmica as diversas fases da produção: preparação, gravação e edição.

O trabalho de produção que desenvolvi no Canal Q passou muito pela certificação constante de que tudo corria dentro do planeado, sempre com a orientação dos produtores e fornecendo-lhes apoio. Como irei referir mais à frente no relatório, uma das principais tarefas era colocar ao dispor de todos o *catering*. Isto acontecia não só em gravações interiores como exteriores.

Durante a leitura de guiões era feito um levantamento dos adereços necessários para as gravações, que eram posteriormente comprados ou requisitados por mim.

Vários programas requeriam a operação do teleponto. Aqui corria um texto retirado do próprio guião, com o essencial para o apresentador fazer o seu trabalho.

Normalmente era adaptado a cada programa e a cada apresentador, uma vez que cada um tem a sua forma de trabalho. Desta forma, na *régie* o trabalho passava essencialmente pela operação do teleponto e por algum apoio muito pontual ao realizador quando este necessitava de alguma indicação.

Praticamente nenhum programa tem um cenário fixo e, por isso, era importante ajudar na montagem e posterior desmontagem dos cenários, um dos principais trabalhos que realizei.

### **3.2. Programas e funções**

O jornal satírico *Inferno* dispunha de um cenário fixo, mas tinha de ser diariamente limpo, arrumado e preparado para o programa, uma das minhas funções. Os horários de gravação dos programas não são totalmente definitivos, dependendo da disponibilidade tanto dos apresentadores como dos próprios convidados entrevistados. Durante as gravações competia-me a operação do teleponto.

No programa “de conversa” apresentado por Ana Markl, *Esquadrão do Amor*, desempenhava duas funções: a montagem e desmontagem do cenário e a operação do teleponto uma vez por semana. Comprar *catering* e servi-lo, pondo-o à disposição de todos os trabalhadores do canal, colaboradores e convidados, era outra das minhas funções.

*Baseado numa História Verdica*, um programa de biografias, requeria a montagem do cenário uma vez por semana, limpeza do mesmo e a operação do teleponto nos primeiros minutos de apresentação de cada programa.

De duas em duas semanas eram realizadas as gravações do programa *Altos e Baixos*, onde operava o teleponto e montava e preparava o cenário. Por diversas vezes contactei restaurantes para garantir jantar, uma vez que a gravação do programa acabava relativamente tarde, em média por volta das 21.30h.

*É a Vida Alvim*, o programa apresentado por Fernando Alvim, requeria a montagem do cenário em média duas vezes por semana. O programa começou a ser gravado na segunda semana do meu estágio e, por isso, acompanhei de perto o

processo de preparação do programa, principalmente na escolha do cenário e adereços.

No programa de debate *Sem Moderação* montava e limpava o cenário, mas operava o teleponto só muito pontualmente, visto que nem todos os intervenientes necessitavam desta técnica de apresentação. *Nas Nuvens*, o programa apresentado por Nuno Artur Silva, também requeria apenas a montagem e limpeza do cenário.

Na maior parte dos programas é necessária a presença de alguma comida, uma vez que as gravações se prolongam por algumas horas. Tanto a compra dessa comida – ou *catering* – como a posterior disponibilização da mesma para os trabalhadores e convidados eram da minha responsabilidade. No geral, comprar materiais que fossem necessários, tanto materiais técnicos, como acessórios ou maquilhagem, faziam parte das funções a desempenhar. Para além disso, o levantamento de adereços a partir do guião e procurar esses mesmos adereços com alguma antecedência para estarem disponíveis na altura da gravação era outra das tarefas.

Praticamente todos os dias operava o teleponto, ou no telejornal satírico *Inferno*, ou no *Esquadrão do Amor, Altos e Baixos, Baseado numa História Verídica*, ou, em média uma vez por mês, no *Sem Moderação*.

Como se trata de um canal pequeno, apenas com dois estúdios, uma das minhas tarefas era manter os estúdios limpos e arrumados. Como afirmei anteriormente, quase todos os programas requerem a constante montagem, desmontagem e limpeza dos cenários.

O trabalho em produção requer a garantia de que tudo funciona correctamente e, por isso mesmo, uma das funções era a supervisão de águas e mesmo de café e, caso fosse necessário, comprar o que estivesse em falta.

Por diversas vezes acompanhei também a responsável pelo guarda-roupa, Paula Vaz, na escolha do mesmo, tanto nas empresas com as quais existia um contrato, como nos próprios estúdios. Também a compra da maquilhagem era uma das minhas tarefas, seguindo as indicações da maquilhadora Silvia Aniceto.

Todas as tarefas por mim desenvolvidas, no fundo, constituem um apoio a cada profissional de cada uma das áreas, que me orientou e guiou durante o estágio.

Mas não me limitei a desenvolver funções na área da produção. Por duas vezes, surgiu a oportunidade de desenvolver actividades noutras áreas: como operadora de câmara e como assistente de realização.

A rubrica de Susana Romana “Ponto Q”, que integra o programa dirigido por Ana Markl, *Esquadrão do Amor*, durante os meses de realização do estágio deixou de ser filmada em *chroma key*<sup>2</sup> para ter um cenário próprio e desmontável. Por uma vez fui convidada a operar uma das câmaras e aceitei, colocando em prática conhecimentos adquiridos ao longo do primeiro ano do mestrado. Os planos são normalmente fixos e os enquadramentos de acordo com as indicações do realizador, muitas vezes correspondendo a uma planificação prévia. Dirigi a câmara que enquadrava a apresentadora Ana Markl.

No programa de debate *Sem Moderação*, tive a oportunidade por uma vez de desenvolver o trabalho de assistente de realização, ou seja, aquele que faz a ponte entre a *régie* e o estúdio. Antes de se dar início a qualquer gravação é necessário verificar se tudo se encontra de acordo com o planeado, incluindo o cenário e quaisquer materiais que os apresentadores necessitem, neste caso inclui folhas brancas e canetas e também os respectivos copos de água. Entretanto, estive atenta a qualquer indicação dada pelo realizador e certifiquei-me de quem seria a pessoa a quem o apresentador iria dirigir a primeira pergunta e, desta forma, o realizador soube com antecedência qual o plano seguinte. Depois de tudo preparado, dei início à contagem – de cinco a um – e o programa começou. *Sem Moderação* tem dois intervalos, durante os quais me certifiquei de que tudo corria dentro da normalidade. Quando todos estavam de novo disponíveis, voltei a dar início à contagem. Nenhum programa, aliás, começa a ser gravado sem antes se iniciar esta contagem, que serve como uma forma de orientação tanto para quem está em estúdio, como para quem trabalha na *régie*.

---

2 *Chroma key* é uma técnica que consiste na sobreposição de uma imagem num fundo verde, azul ou vermelho, transmitindo ao telespectador a ideia de que o apresentador está no local da imagem, quando na realidade se encontra num estúdio.

### **3.3. Aptidões desenvolvidas**

O estágio proporcionou um contacto com o mercado de trabalho muito positivo, mas acima de tudo um contacto com o mundo da televisão, uma das minhas áreas de estudo.

Estou consciente que se trata de um canal de televisão relativamente recente e pequeno, no sentido em que tem poucos fundos, e que, por isso, deve ser bastante diferente das gigantescas RTP ou SIC. Mas para primeiro contacto com uma empresa da área foi uma experiência enriquecedora, onde desenvolvi as tarefas que me competiam e tive a oportunidade de pôr à prova os meus conhecimentos dentro e fora da minha área de estudo.

Tenho, agora, uma visão muito mais clara do que é o trabalho de produção e das diversas fases em que se divide um programa de televisão, inclusivamente com o contacto que este estágio me permitiu com profissionais das áreas da realização ou edição. Uma vez que não existe uma distanciação enormíssima entre as diversas funções que cada um desempenha nem entre “quem manda” e “quem obedece”, o contacto entre toda a equipa é muito favorável ao bom desempenho das actividades. Pode dizer-se que o Canal Q funciona como uma família ou uma comunidade, em que todos têm consciência das suas tarefas, mas também estão disponíveis para apoiar na realização de outros trabalhos. Neste sentido, o Canal Q não é apenas um canal convencional em termos de conteúdos; posso afirmar que internamente e na forma de trabalho, também é um canal que foge às regras.

Apesar de todas as tarefas na área da produção serem convencionais e idênticas às desenvolvidas noutros canais de televisão, o facto de se tratar de um canal modesto e com poucos meios altera um pouco essa convencionalidade. Como afirmei antes, existe uma entreatajuda muito grande e todos tentam dar o seu apoio, mesmo muitas vezes fugindo às funções que a cada um compete.

No entanto, a não convencionalidade do Canal Q revela-se ao exterior, definitivamente, através dos formatos, dos temas e dos guiões de cada um dos programas.

## Conclusão

O mundo da televisão sempre surpreendeu, conseguindo ultrapassar a monotonia resultante de formatos utilizados durante muitos anos e em toda a parte. O humor é o género mais querido pela televisão e também aquele que melhor se reinventou neste meio, servindo como base para a maioria dos programas que foram chamados “não convencionais”. Muitos programas norte-americanos e britânicos, considerados os melhores exemplos de televisão não convencional, muito influenciaram a televisão portuguesa, especialmente a partir da década de 90, quando um grupo de guionistas fãs de Monty Python mudou a face do humor português na televisão e não só: as Produções Fictícias.

As Produções Fictícias começaram por ser um grupo de escritores muito jovens, que se dedicavam à escrita de textos para programas de sucesso liderados por Herman José, conseguindo hoje em dia ter um canal de televisão próprio: o irreverente Canal Q.

O Canal Q tem a mesma programação de um canal generalista mas com características muito próprias. Existem *talk-shows*, telejornais, programas de debate. Mas não têm, definitivamente, as mesmas características que têm esses programas em qualquer outro canal de televisão português, quer pelos temas, quer pela forma como estes são abordados, o que significa que não existe nenhum tipo de censura nem a vontade de se ser “politicamente correcto”. E disto resulta uma grande liberdade, mas também uma grande oportunidade para a experimentação. Apesar de ser um canal com poucos recursos, permite o surgimento de novos programas e de novos formatos como nenhum outro, a maioria dos quais portugueses e de produção própria. Durante os meses do estágio, aliás, *Derek* era o único programa em exibição no Canal Q que não tinha a marca do próprio canal nem era uma produção nacional. O Canal Q é, neste momento, o único canal de televisão em Portugal onde existe lugar para a experimentação e para a irreverência.

As influências anglo-saxónicas são indiscutíveis, particularmente no telejornal satírico diário *Inferno*. Esta influência não é em vão: o Canal Q surgiu dentro das Produções Fictícias, cujo um dos principais méritos foi terem trazido para Portugal um

humor que se baseia muito mais no texto do que em qualquer outra coisa, com uma extrema influência dos produtos norte-americanos e britânicos.

Não podia deixar de abordar as Produções Fictícias neste relatório, uma vez que os primeiros programas da sua autoria são já uma referência para muitos, particularmente para o próprio Canal Q, um dos frutos da produtora.

Com programas definitivamente não convencionais, importa salientar que, em 2014, o Canal Q ganhou o prémio atribuído pela *Meios & Publicidade* de melhor canal de entretenimento nacional. Isto revela que o canal é reconhecido e valorizado, apesar dos poucos meios financeiros e de ter uma programação tão diferente.

O estágio de três meses realizado no Canal Q foi uma óptima plataforma de lançamento para o mundo laboral. Coloquei em prática os meus conhecimentos na área e permitiu-me contactar de perto com as diversas fases de produção de um programa de televisão.

Em televisão as possibilidades de formatos são imensas, mas só algumas deixaram uma marca profunda, por fugirem completamente às regras que, ao longo dos anos, se foram estabelecendo. Não sabemos se o Canal Q irá ser tão falado no futuro como o são hoje os primeiros programas com a marca da Produções Fictícias. O que sabemos é que, nos dias que correm, constitui um dos grandes exemplos de televisão não convencional em Portugal, não tendo, neste momento, concorrente à altura, sendo um lugar que privilegia a liberdade criativa.

O estágio permitiu-me, assim, lidar de perto com a forma como esta liberdade floresce e dá origem a programas irreverentes, muitos deles com um papel crítico muito forte.

## Referências Bibliográficas

AAVV. 2003. *Critiquing the Sitcom: A Reader*. Syracuse: Syracuse University Press.

Attardo, Salvatore (org.). 2014. *Encyclopedia of Humor Studies*. Thousand Oaks: Sage Publications.

Bjorklund, Dennis. 2012. *Seinfeld Reference: The Complete Encyclopedia with Biographies, Character Profiles and Episode Summaries*. Coralville: Praetorian Publishing.

Borges, Sandra. 2014. Comunicação pessoal (entrevista) realizada no contexto deste relatório de mestrado.

*Britain, Britain, Little Britain* in Lockyer, Sharon (org.). 2010. *Reading Little Britain: Comedy Matters on Contemporary Television*.

Browne, Ray B. e Browne, Pat (orgs.). 2001. *The Guide to United States Popular Culture*. Madison: Popular Press.

Browne, Ray B., Browne, Pat (org.). 2001. *The Guide to United States Popular Culture*. Madison: Popular press 3.

Burns, Gary; Thompson, Robert. 1990. *Making Television: Authorship and the Production Process*. Westport: Praeger Publishers.

Cantante, Frederico. 2001. "A Graça Sociológica do Humor", *CIES e-Working Paper 33*. Acedido a 4 de Janeiro a 17 de Março de 2015. <http://hdl.handle.net/10071/603>

Cerqueira, Marta. 2014. "Estes Tesourinhos nunca foram Deprimentes". *i*, 6 de Dezembro de 2014, p. 16-19.

Deodato, Rita Sorais. 2007-2008. *A Comunicação Política no Entretenimento: O Caso dos Programas de Humor em Portugal*. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social, Universidade Técnica de Lisboa, policopiado.

- Feil, Ken. 2014. *Rowan and Martin's Laugh-In*. Detroit: Wayne State University Press.
- Fernandes, Irina. 2014. "Aniversário. Canal Q quer "produzir mais" e exportar séries". *Diário de Notícias*, 31 de Março de 2014, p. 51.
- Fonseca, Guilherme. 2014. Comunicação pessoal (entrevista) realizada no contexto deste relatório de mestrado.
- Gitlin, Martin. 2014. *The Greatest Sitcoms of All Time*. Lanham: Rowman & Littlefield.
- Gray, Jonathan; Jones, Jeffrey P.; Thompson, Ethan. 2009. *Satire TV: Politics and Comedy in The Post Network Era*. Nova Iorque: New York University Press.
- Hardcastle, Gary L.; Reisch, George A.. 2006. *Monty Python and Philosophy: Nudge Nudge, Think Think!*. Chicago: Open Court Publishing Company.
- Horton, Andrew. 2010. *Ernie Kovacs & Early TV Comedy: Nothing in Moderation*. Austin: University of Texas Press.
- Jones, Jeffrey P.. 2014. *Encyclopedia of Television*. Londres: Routledge.
- Laham, Nicolas. 2009. *Currents of Comedy on the American Screen: How Film and Television Deliver Different Laughs for Changing Times*. Jefferson: McFarland & Company.
- Landy, Marcia. 2005. *Monty Python's Flying Circus*. Detroit: Wayne State University Press.
- Lockyer, Sharon. 2010. *Reading Little Britain: Comedy Matters on Contemporary Television*. Londres: I. B. Tauris.
- Machado, Arlindo. 2005. *A Televisão Levada a Sério*. São Paulo: Editora Senac São Paulo.
- Margato, Cristina. 2015. "Fado Nuno". *Expresso*, 03 de Janeiro de 2015, p. 16-19.
- Markl, Ana. 2014. Comunicação pessoal (entrevista) realizada no contexto deste relatório de mestrado.

Mateus, Joana. 2007. "Um americano, um inglês e um português entram num bar". *Fora de Série*, 02 de Fevereiro de 2007, p. 8-11.

Mittel, Jason. 2006. "Narrative Complexity in American Television". *The Velvet Light Trap* 58: 29-40. Acedido a 5 de Fevereiro de 2015. <http://juliaeckel.de/seminare/docs/mittell%20narrative%20complexity.pdf>

Neale, Steve; Krutnik, Frank. 1990. *Popular Film and Television Comedy*. Londres: Routledge.

Perks, Lisa Glebatis. 2008. *A Sketch Comedy of Errors: "Chappelle's Show", Stereotypes, and Viewers*, Tese de doutoramento, University of Texas at Austin. Acedido a 8 de Janeiro de 2015. <http://hdl.handle.net/2152/3946>.

Pinheiro, Paulo Júnior Silva. 2010. "Jornalismo e Humor na TV: Uma Análise do *Talk Show* Português 'Gato Fedorento Esmiúça os Sufrágios'". Comunicação apresentada no 8.º Encontro Anual da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), Universidade Federal do Maranhão, Novembro de 2010. Acedido a 3 de Janeiro de 2015. [http://sbpjor.kamotini.ghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/cl\\_82.pdf](http://sbpjor.kamotini.ghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/cl_82.pdf)

Santos, Inês Fonseca. 2006. *Produções Fictícias: 13 anos de insucessos*. Dafundo: Oficina do Livro.

Silva, Nuno Artur. 2014. Comunicação pessoal (entrevista) realizada no contexto deste relatório de mestrado.

Silva, Nuno Artur; Santos, Inês Fonseca. 2008. *Antologia do Humor Português*. Lisboa: Texto Editora.

Teves, Vasco Hogan. 2007. *RTP: 50 anos de história*. Lisboa: Edições RTP.

Topping, Richard. 2014. *Monty Python: From the Flying Circus to Spamalot*. Londres: Virgin Books.

Tueth, Michael. 2008. *Laughter in the Living Room: Television Comedy and the American Home Audience*. Nova Iorque: Peter Lang Publishing, Inc..

Walker, Nancy A. *et al.*. 1998. *What's so funny?: Humor in American Culture*. Lanham: Rowman & Littlefield.

Wittebols, James H.. 2003. *Watching M\*A\*S\*H, Watching America: A Social History of the 1972 – 1983 Television Series*. Jefferson: McFarland & Company.

## Anexos

### Anexo 1

#### Entrevista a Nuno Artur Silva, director do Canal Q

1.Fale-me um pouco do canal. Como surgiu e porquê? É verdade que foram uma “cobaia” da MEO?

Há muitos anos que as Produções Fictícias vinham a propor a criação de um canal à PT. Consideramos que estava tudo muito limitado a três estações televisivas e a nossa ideia era criar um canal independente de entretenimento. Não gosto muito que se fale em “cobaia”... O que acabou por acontecer foi que a nossa ideia se cruzou com a estratégia da PT de criar um canal interactivo.

2.O Canal Q é um canal de televisão não convencional ou isso já não existe – no sentido em que já está tudo tão explorado - ?

No panorama internacional existem canais para todos os gostos! Mas em Portugal isso não acontece. Somos, realmente, diferentes. Não pertencemos a nenhum grupo grande. Posso afirmar que somos o único canal com uma lógica *indie*; é mesmo essa a palavra. Adoptamos uma postura realmente não convencional, sim.

3.É um canal muito familiar e com características muito próprias...

Características... Humor, desconstrução, ironia, sarcasmo, a irreverência... Um pé no entretenimento e um pé na cultura mais *pop*. Estas características são as mesmas das Produções Fictícias.

4.Então não faz parte dos vossos planos tornarem-se em algo “grande” como a RTP ou a SIC...

Os canais estão a tornar-se em algo que é mais uma “coisa de eventos”. O Canal Q tem uma base: os programas de conversa, com uma lógica de rádio na TV - principalmente devido ao orçamento - e é aqui que estão inseridos os vídeos, as rubricas de ficção, os *sketches*... Depois surge o *Inferno*: as pessoas vêem as notícias num dos três canais há hora normal e depois, às 22.30h, surge aquele programa que lhes dá as notícias de outro ponto de vista. “Agora nós mostramos as notícias como as

vemos”. Cada dia gira à volta de um tema: segunda amor e relações, com o *Esquadrão do Amor*, terça é o dia do futebol com os *Super Adeptos*, quarta é dedicado à política com o *Sem Moderação* – um programa de discussão sem moderador –, quinta é o dia dedicado à cultura com o *Nas Nuvens*, sexta é dia de *Altos e Baixos*, dedicado à televisão, e sábado é dia de *Baseado Numa História Verídica*, um programa de biografia. O *Inferno* é um programa diário, que é sempre seguido por um programa de conversa que, por sua vez é seguido por uma série estrangeira. Temos publicidade fictícia e os intervalos são preenchidos com coisas diversificadas. A ideia é brincar com a televisão.

5.Então que lugar é que a comédia ocupa no canal? De uma forma geral penso que tem um lugar de destaque...

As Produções Fictícias (empresa de onde o canal vem) são a produtora de comédia mais conhecida e mais forte em Portugal desde há vinte anos. Desde aqui que produzimos os melhores programas de comédia no nosso país. Interessa-nos tudo o que são formas contemporâneas de fazer comédia. Nunca quisemos que fosse um canal somente de humor ou comédia. Quisemos, sim, que isso tivesse grande peso.

6.E a comédia deve servir para criticar a sociedade? É isso que procuram fazer em alguns dos vossos programas?

O efeito libertador do humor e das gargalhadas é ótimo. Se a isso acrescentarmos a crítica então é excelente. O humorista pode focar um aspecto e faz o efeito lupa, mostra-nos algo que antes não víamos com tanta clareza. Não há posições neutras. Há sempre um ponto de vista. Quando se escolhe um lado omite-se outro. No humor não temos as mesmas preocupações dos jornalistas. O humorista faz rir e há cenas no *Inferno* que servem apenas para fazer rir. O *Inferno* faz comédia com pessoas da política. Isso pode mostrar sempre um ângulo e um ponto de vista.

7.Quais são as vossas principais referências/influências? Jon Stewart, Bill Hicks, o próprio Jim Carrey?

Esses todos, sem dúvida. Jon Stewart, obviamente. Falo mais a nível pessoal claro. John Oliver, o Ricky Gervais e os próprios Monty Python. E, claro, também muitos trabalhos antigos das Produções Fictícias, como o *Contra Informação*. Mas a nível internacional, o humor anglo-saxónico é a nossa principal referência.

8.As audiências são realmente importantes, no sentido em que elas ditam o vosso percurso, ou, por outro lado, o Canal Q faz o seu trabalho deixando a opinião do público um pouco para segundo plano?

Claro que as audiências têm importância, todos queremos que o canal seja visto. As audiências é aquilo que é usado para avaliar um canal. Mas isso para nós, Canal Q, é ingrato e injusto, visto que há outras componentes que não são medidas. O nosso canal é consumido por pessoas que não vêem televisão de forma linear. Temos consciência que toda a gente reconhece o canal, mas é impossível competir com a *Casa dos Segredos*. De uma forma geral quem vê televisão são as pessoas mais velhas. O nosso público é um público mais urbano e jovem, que nem sequer consome muita televisão. Isso levanta problemas em relação às audiências. Cada vez mais assistimos a um segmento do público. Aqui a preocupação é chegar ao público certo. Que, apesar de ser um público heterogéneo (os mais velhos, por exemplo, assistem muito ao *Baseado numa história verídica*), é constituído por pessoas com hábitos de cultura e informação. Não temos dinheiro para publicitar os nossos programas – não temos qualquer apoio do Estado – e isso complica tudo.

9.Como é que surgiram as Produções Fictícias?

Foi no início dos anos 90. A ideia era juntar um grupo de pessoas que escrevesse para televisão e cinema. Quando começamos ainda nem existia Internet como a conhecemos hoje. Inicialmente eramos um grupo de argumentistas, depois começamos a produzir, depois a agenciar, demos cursos e workshops e agora temos o nosso próprio canal. Somos aquilo a que se chama uma agência criativa. Que sempre funcionou *com o pelo do cão*, como costume dizer. A nossa melhor fase foram os anos 90, como de resto funcionou com o próprio país. Depois o dinheiro começou a ser menos, assim como os projectos. O *Herman SIC* é um exemplo de um programa de sucesso. Aliás, durante 20 anos fomos a equipa de escrita do Herman José. As Produções Fictícias escreveram o primeiro programa de sátira política, o *Contra Informação*. Temos um jornal de humor político, o *Inimigo Público*, que é também feito no *Inferno*. De certa forma, há uma continuidade dentro dos programas que vamos produzindo.

10.Como começou a televisão não convencional em Portugal?

Sempre existiram programas inovadores, desde o início da televisão em Portugal. O primeiro que me recordo foi o *Zip Zip*. No tempo em que só havia RTP até haviam interrupções por causa da Revolução. Lembro-me de ver na RTP2 os programas de Alberto Pimenta, por exemplo. Aqui e ali havia assim uns *ovnis*, como a magazine semanal *Lusitana Expresso*. Com os canais de televisão privados e mesmo com a televisão por cabo, surgiram novas apostas, incluindo a SIC Radical.

11.As Produções Fictícias marcam de alguma forma essa diferença na televisão? Ou seja, mostraram toda uma nova forma de fazer televisão estou correcta? De que forma?

O mérito principal foi ter trazido uma nova geração de argumentistas que não vinham dos mesmos sítios que as gerações anteriores. Esta nova geração era constituída por pessoas mais influenciadas pelo mundo anglo-saxónico, todas com formação universitária. Antes as pessoas vinham muito do teatro e da revista, ou mesmo do jornalismo. As Produções Fictícias trouxeram um modelo de trabalho em que o texto era o ponto de partida, ou seja, trouxemos um modelo em que o argumentista comanda as operações.

12.Se existe um concorrente (mais directo) com o Canal Q qual é?

Não há. A SIC Radical foi. A SIC Radical foi o primeiro canal com perfil de inovação e experimentalismo, mas hoje é sobretudo um canal de conteúdo estrangeiro, deixando terreno livre para o Canal Q que é o único canal que faz projectos mais “fora do baralho”. A SIC Radical já não aposta no que apostava antes.

## **Anexo 2: Entrevista a Sandra Borges, produtora de *Inferno***

1. Para começar, como é que surgiu o *Inferno*? E já agora, o porquê desse nome?

Surgiu porque sentíamos falta de um formato deste género em Portugal, formato esse que já era popular nos EUA, por exemplo, e com muito sucesso. O nome foi um desabafo da Joana Marques, numa reunião longa e cansativa, qualquer coisa do género: “Escolher este nome vai ser um inferno”. E pegou.

2. Quem é que podes dizer que é o verdadeiro responsável pelo surgimento do *Inferno*?

A ideia original aconteceu como resultado de um desafio feito pelo Nuno Artur Silva, para que pensássemos numa ideia para um novo formato.

3. Eu, enquanto telespectadora, vejo um pouco de Jon Stewart neste programa. O *Daily Show* é uma das influências?

Sim, sem dúvida, é talvez a principal influência.

4. Como é que o Guilherme Fonseca, o Pedro Vieira, a Inês Lopes Gonçalves e a Maria João Amorim chegaram ao *Inferno*?

No início fizeram-se vários *castings*, com pessoas da casa e outras que foram propostas por todos, pessoas que achávamos que teriam o perfil ideal para o formato. A Inês veio recomendada pelo André Penim, e passou no *casting* com distinção. O Pedro e o Guilherme, sendo da casa conheciam o tom certo para o programa, foi uma escolha natural. A Maria João entrou quando começámos a fazer o programa com dois apresentadores, e no fundo foi desafiada por todos. Já fazia uma rubrica sozinha e todos achávamos que tinha as características ideais para este papel.

5. E, já agora, os comentadores?

Com os comentadores foi idêntico, normalmente são *performers* ou artistas que andam por aí a fazer espectáculos, ou que nos enviam vídeos, propostas, e que têm alguma coisa de especial, que entendemos fazer eco no *Inferno*.

6. Como é que escolhem os convidados? Têm alguns “critérios”?

Sim, claro. São escolhidos, por norma, de acordo com as notícias do dia, os temas da semana. Procuramos ter convidados que sejam transversais aos interesses

dos telespectadores, que venham de todas as áreas, da política à ciência, às artes, e que possam ser um espelho do que por cá vai acontecendo.

7. Não é nada fácil estar sempre a par do que se passa no mundo, requer um trabalho intensivo e também de equipa. Como é que os guionistas desenvolvem o trabalho deles? O que é que os motiva?

Creio que os motiva o facto de sentirem que fazem um trabalho original num projecto editorial consistente, com qualidade. E desenvolvem o seu trabalho ao ritmo normal do que seria uma redacção de um jornal. Consultam notícias, debatem ideias em grupo. E temos reuniões semanais com contribuições de todos para os alinhamentos diários. Mas sim, é trabalhoso.

8. E a ti, o que é que te motiva enquanto produtora do programa?

Não é muito diferente. É a originalidade do projecto, essencialmente, e a certeza de trabalhar com pessoas muito talentosas. Saber que o meu trabalho, ainda que seja uma pequena fatia do bolo, contribui para no fim do dia termos no ecrã um trabalho de que nos orgulhamos. Isso por si só é muito motivante.

9. Fala-me um pouco do teu percurso no Canal Q.

Comecei há cerca de 4 anos. No início tinha uns 4 programas a meu cargo, mas todos semanais, e quase sempre ligados à cultura e à informação. Depois apareceu o *Inferno*, e passei a tê-lo como prioritário, até começar a produzi-lo sozinha e a tempo inteiro. Um programa diário é mais difícil de produzir, ainda que tenha muita ajuda, e agora dedico-me na íntegra ao *Inferno* e ao *Baseado Numa História Verdídica*, um programa de entrevista biográfica que também me dá muito gosto produzir.

10. As audiências são realmente importantes? Ou seja, vocês procuram dar ao público aquilo que ele quer ou, pelo contrário, mostram-lhe aquilo que ele deve verdadeiramente ver?

Creio que é sempre um encontro entre os dois pontos. Na verdade sem audiências os canais não podem viver, precisamos do reconhecimento, da publicidade. No entanto procuramos sempre não perder o norte do projecto, fazer um canal de entretenimento com os conteúdos que valorizamos, acima de tudo, mas que possam interessar ao nosso público.

11. As pessoas andam “alienadas” e a comédia serve para as fazer voltar à Terra?

Não creio que as pessoas andem alienadas. As pessoas andam tristes, a situação do país não é a melhor. E estão cansadas do excesso de informação formal, penso que é mais isso. O Q ajuda-as, não a alienar-se, mas a descobrirem um espaço de descontração. Não há nada melhor do que ao fim do dia termos tempo e um lugar na TV onde temos à disposição humor inteligente para esquecer um pouco os problemas do dia-a-dia.

12.O formato do *Inferno* resulta no nosso país? Sentes que, de uma maneira geral, as pessoas percebem onde vocês querem chegar?

Funciona muito bem. As pessoas percebem a ironia, a graça acutilante do programa. Há excepções, como em tudo, mas a experiência diz-nos que é muito bem recebido. Mesmo os casos em que a mensagem não passa logo, na verdade dizem-nos que estamos a fazer um bom trabalho porque a mensagem teve um qualquer efeito.

13. Que cuidados é que procuras ter ao “gerir” um programa destes? No fundo, ninguém quer ferir os sentimentos de ninguém...

Sim, temos um cuidado especial no tratamento dos textos, mas tentamos também ser o mais livres possível.

14.E que medos tens enquanto produtora de um programa que “fala” tanto?

Não tenho medos, na verdade. Procuramos fazer o nosso melhor, sempre, isso dá-nos alguma segurança. Se no fim as pessoas não entenderem ou não tiverem em relação ao programa sentimentos de desportivismo, é uma questão que já não controlamos. Os meus medos são bem mais pragmáticos, convidados que adoecem ou não aparecem à última hora, problemas técnicos, chuva em dias de gravações exteriores. Coisas mais terrenas.

15.Para terminar, o que tens a dizer sobre o papel que a comédia tem na critica da sociedade?

É mesmo essencial. Já o era à época de Gil Vicente, que será sempre o melhor exemplo, e nunca deixou de o ser. Há temas que ficam mais claros quando relativizados pelo humor, chegam a mais pessoas e tornam-se, digamos, mais fáceis de “engolir”.

### **Anexo 3: Entrevista a Guilherme Fonseca, guionista e apresentador do *Inferno***

1. Para começar, como chegaste ao Canal Q?

A resposta é simples: Susana Romana. Quando estava a tirar a minha licenciatura em guionismo na ESTC, resolvi, ao mesmo tempo, tirar um de escrita de humor nas Produções Fictícias. Aí conheci a Susana Romana, que foi minha professora. Quando acabei o curso (os cursos na verdade) fui trabalhar para uma produtora de cinema mas em regime de estágio, coisa que não ia durar. O contacto com a Susana manteve-se com o tempo e quando abriram o Canal Q, ela precisava de estagiários de guionismo. Ora, vai que se lembrou de um rapaz parvo que tinha conhecido no curso das PF's. Fui chamado, estagiei 6 meses e no final do estágio pediram-me para ficar - que é como quem diz, para não trabalhar a partir de casa e vir escrever numa mesinha na redacção. Ah, e o dinheiro aumentou. Ligeiramente.

2. E ao *Inferno*?

Foi uma evolução natural. Comecei por aparecer noutras coisas, mais pequenas. Depois surgiu o *Isto é o Q?* e o *Não, Não & Não*, em que dava a cara regularmente. Entretanto criou-se o programa *Inferno*, apresentado todos os dias pelo Pedro Vieira. Todos os dias. Ora, naturalmente, houve um dia em que o Pedro tinha de faltar, testaram-me num casting, gostaram e fiquei como residente primeiro para substituições. Depois um dia por semana. Depois dois. E agora 82 dias por semana.

3. Qual é a tua formação?

Sou licenciado em guionismo/escrita de argumento na Escola Superior de Teatro e Cinema. Pelo meio tirei o curso de escrita de humor das Produções Fictícias, um curso do Robert McKee de guionismo, um curso de rádio com o Diogo Beja e faço *stand-up comedy* (auto-didata) há cerca de 8 anos. O resto fui aprendendo de ver os outros a fazerem asneira.

4. Era esta a tua profissão de sonho aos seis anos?

Para te dizer a verdade, não me lembro do que queria ser aos 6 anos. Mas aos 10/11 comecei a jogar voleibol e queria ser jogador profissional. Depois comecei a interessar-me por desenho e queria ser cartoonista. Pelo caminho interessei-me pela criatividade do cartoon e resolvi que queria ser criativo de publicidade e entretanto

apaixonei-me pelo cinema. A criatividade junta com o cinema deu-me para tentar ser guionista. Tcharan.

5. Escreves para o *Inferno*?

Sim, praticamente todos os dias. Aparecer é todos, mesmo. Há um dia por semana em que escrevo o editorial (primeira porção em cima da actualidade, a maior e mais maçuda) e as ligações todas do guião. Nos outros dias escrevo algumas rubricas soltas, como o opinião pública (telefonemas falsos) ou os *pivots* de fim-de-semana (cola de vários momentos da semana para serem apresentados como um *best-of* ao domingo).

6. Como é que te preparas para cada sessão de... *Inferno*?

Varia. O que mais me assusta são as entrevistas. Não tenho a cultura geral e a sapiência do Pedro Vieira em termos de assuntos políticos, por exemplo, por isso sempre adoptei uma postura de “curiosidade” nas entrevistas. “Eu não percebo nada disto, explique-me que eu chego lá”. E sempre senti que essa abordagem ajudava o espectador comum (e eu próprio) a perceber os temas. O preparar de perguntas e abordagens à entrevista é o que mais me custa. O resto é estudar o texto, ler e reler em voz alta (para apanhar cacofonias e trejeitos) e depois debitá-lo para a câmara como se estivesse a conversar. Nisso vou buscar muito da minha postura em *stand-up comedy*. Afinal de contas, também se “debita” um texto a um público.

7. Conta-me um momento marcante para ti no *Inferno*.

Ui. Sacana da pergunta que eu mais temia. Assim de repente, adorei entrevistar os Porta dos Fundos (fiz duas), de quem sou fã absoluto. Sabe sempre bem entrevistar pessoas que se admira e se conhece o trabalho de cor. Mas por outro lado também aprecio entrevistar pessoas com as quais não concordo nada. Sempre que vêm pessoas de extremos políticos eu atiro-me mais de cabeça para as coisas.

8. Quem consideras que são os teus ídolos? Ou seja, quem são aquelas pessoas que te influenciam? O Jon Stewart está na lista?

Sim, é impossível o Jon Stewart não estar. É um génio. Um comediante brilhante que consegue falar de assuntos sérios e pesados com humor. No fundo, eu sou apaixonado por comediantes que “desconstroem”, não necessariamente só a política

mas o mundo. O Jon Stewart, o John Oliver, o Louis CK, o George Carlin, o Eddie Izzard, o Colin Quinn, etc.

9. Distancia-te do *Inferno* enquanto, digamos, trabalhador, e fala-me do programa enquanto uma fonte de crítica social. Na tua optica, esse é realmente um dos objectivos do programa, estou correcta? Pensas que resulta? Entendes que a maioria das pessoas se interessa genuinamente pelo programa e percebe o que vocês querem transmitir?

Não acho que o objectivo do programa seja a “crítica social”. Eu vejo o programa mais, lá está, pelo lado da “curiosidade”. Ou seja, o Inferno para mim mais do que criticar, serve para “desconstruir para perceber”. Desmontar para saber montar. O chamado “trocar por miúdos”. Acho que é mais esse lado de “explicar com humor” do que de “criticar”. Se depois de perceber a coisa tenho vontade de criticar, isso é um efeito secundário. Em relação ao público “entender”, acho que nem todo. A ironia e o sarcasmo, se não forem entendidos como tal, não são humor. Se não entenderes que uma pessoa está a ser irónica, o que ela diz parece-te apenas verdade, e isso, num programa como o nosso – em que a ironia está presente – pode acontecer. Mas também te digo, se as pessoas não perceberem que somos um programa de humor e nos levarem a sério, isso só por si já tem imensa piada.

10. Então, para resumir, o formato, em Portugal, resulta ou não?

Não te sei dizer. O “resultar” tem várias leituras. Resulta em termos formato, em que temos audiências astronómicas e somos um sucesso na televisão portuguesa? Não. Estamos bem mas não somos um *reality show*. Nem de perto. Resulta em termos de conteúdo, em que conseguimos explicar as notícias à pessoa que acabou de ver os telejornais? Sim. Ainda estamos a crescer e a perceber por onde podemos ir com o programa. Vamos estar sempre, acho eu. Mas para já, acho que somos o companheiro ideal para quem viu/leu/ouviu as notícias e precisa de alguém que lhas “esmiúce” com humor e descontração.

11. Para terminar, não tens medo que sejas mal interpretado ao ponto de seres ameaçado? Provavelmente já foste...

Já aconteceu sermos ameaçados de morte. Com uma piada infeliz sobre o Sporting. Mas aí o problema foi a piada não ser boa o suficiente para justificar o ataque

que se estava a fazer. O grande tema do *Inferno* é a política, e a política, apesar de algumas pessoas dizerem e fazerem questão de dizer que “não percebem e não se querem envolver”, afecta toda a gente. E mexe com toda a gente. Como estamos todos divididos em ideias e ideais políticos - quer tenhamos noção disso ou não - vai haver sempre discórdia. Se dessa discórdia partes para a violência, isso já é um problema mental. E de polícia. Mais de polícia, parece-me.

#### **Anexo 4: Entrevista a Ana Markl, criadora e apresentadora de *Esquadrão do Amor*.**

1. Para começar, como é que chegaste ao Canal Q?

No tempo das vacas gordas, quando ainda me achava capaz de enfrentar a Segurança Social de peito aberto, decidi despedir-me de um emprego estável e bem pago no semanário *Sol* para me tornar *freelancer*. No meio de uma série de colaborações em jornais e revistas, decidi ir bater à porta das Produções Fictícias e dizer: “se precisarem de mim para qualquer coisinha, cá estou”. Essa coisinha viria a ser, meses depois, o Canal Q. Entrei para ser guionista e acabei a apresentar. Nunca pensei que o meu nariz fosse telegénico, mas lá me tenho safado.

2. Como é que surgiu o *Esquadrão do Amor*? És tu a verdadeira responsável pelo surgimento do programa?

Sou a responsável por todos os programas que já apresentei e o *Esquadrão do Amor* não é exceção. Comecei a pensar no potencial que teria um programa em tom de conversa de café sobre o mais inesgotável dos assuntos: as relações. Por mais que falemos, nunca chegamos a conclusão nenhuma, nunca sabemos fazer a coisa certa, escolher a pessoa certa. No que toca ao amor, somos todos elefantes em lojas de porcelana.

3. Consideras o programa não convencional?

De certa forma, sim. Pode dizer-se que é um programa de debate, como já existem outros tantos à volta da política ou do futebol. Mas aqui opina-se sobre amor e sexo. O painel faz com que o programa seja único – são três personagens inusitadas a falar com o coração na boca.

4. E a programação do Canal Q é não convencional ou isso já não existe - no sentido em que já está tudo tão explorado?

Existe porque o panorama televisivo nacional é uma miséria. A Internet é, hoje em dia, um meio muito mais rico em termos de arrojo criativo. O que o Canal Q faz é único e define-se como “aquilo que nos dá na real gana”. É uma enorme liberdade, ainda que profissional e responsável.

5. Como é que juntaram a São José Correia, o Carlão e o Cláudio Ramos no mesmo programa?

Foram nomes que nos passaram pela cabeça e que resultaram num encontro surpreendente e feliz. Nenhum deles se conhecia pessoalmente e alguns tinham bastantes preconceitos (válidos) em relação uns aos outros. E nunca se conheceram até ao dia da gravação do primeiro episódio – foi uma espécie de amor à primeira vista. Como se fôssemos amigalhões desde sempre. Eles adoram estar ali uma hora à conversa. Serem pagos é um bónus.

6. E como escolhem os temas/assuntos que abordam em cada programa? Seguem algum critério?

O meu truque é estar atenta a artigos partilhados nas redes sociais. Por exemplo, há imensos estudos “científicos” completamente idiotas que dão pano para mangas, tipo: “Homens com pénis grandes têm mais probabilidade de ser traídos”. Depois, há outra ótima matéria-prima que é a interacção com os espectadores através da página de Facebook. Eles gostam de nos enviar perguntas constrangedoras e de nos pedir conselhos. Nós damos, sempre com muito *tough love*, sem falinhas mansas e, sobretudo, contra as *Cosmopolitans* desta vida. Depois, temos sempre uma rubrica de ficção – a “Estocada Final” – que, na forma de uma curta-metragem, lança o mote para uma série de assuntos transversais: a traição, o impacto da maternidade na relação, as discussões mais comuns entre os casais e coisas deste género. É o que me dá mais gozo fazer, em parceria com a Nadili de León. Pegamos nas nossas experiências e dos nossos amigos, compramos umas litrosas e criamos histórias tragicómicas.

7. Inspiraram-se nalgum programa deste género?

Não, porque na verdade o conceito é muito simples: pôr quatro pessoas a falar destes assuntos. Há quem se lembre muito do programa brasileiro *Saia Justa* e, de facto, a irreverência é semelhante. Admiro muito a Fernanda Young.

8. Até que ponto se preocupam com as audiências? Ou seja, trabalham para o público, claro, mas têm noção que não conseguem competir com outros programas de canais como a SIC ou a TVI. Como contornam isto?

Impossível competir com os generalistas. Esperamos mais notoriedade e reconhecimento do que propriamente números, mas obviamente que queremos ser vistos. Fazemos o melhor que podemos e queremos conquistar os espectadores pelo rasgo. Não querem ver novelas nem *reality shows*? Vejam o Canal Q.

9. E qual é o papel da comédia no *Esquadrão do Amor*?

Importantíssimo. Porque, se há coisa que aprendi na minha experiência amorosa é que muitos dos imbróglio emocionais se resolvem com humor. Falamos a sério mas também choramos a rir.

10. E, já agora, qual é a tua opinião em relação ao papel da comédia na crítica social?

Fundamental. É uma forma de comunicação tão eficaz que, bem utilizada, consegue agitar as consciências.

11. Para terminar: no teu ponto de vista, o que distingue verdadeiramente o Canal Q dos outros canais de televisão?

Como já disse, a liberdade. E também o facto de não subestimarmos a inteligência dos nossos espectadores como fazem os canais generalistas.

## Anexo 5: Guião do jornal satírico *Inferno*, dia 7 de Outubro de 2014

1. INFERNO - N° 4.27 - EDITORIAL - 3'

*Entra oráculo com nome dos apresentadores.*

### AMORIM

Boa noite e bem-vindos ao Inferno. Hoje é dia 7 de Outubro, as aulas começaram há quatro semanas e a colocação de professores continua a ser mais aleatória que as escolhas tácticas do treinador do Futebol Clube do Porto.

*Entra imagem escola:*

<http://imagens6.publico.pt/imagens.aspx/717546?tp=UH&db=IMAGENS>

### GUI

O Governo anunciou mais dois concursos para professores, para resolver o problema dos que foram mal colocados e agora estão sem escola. Os erros e correções do Ministério levaram, nos últimos dias, algumas centenas de docentes a terem de refazer completamente as suas vidas, além da quantidade de alunos sem professores. Eles que aprendam a multiplicar jogando Fruit Ninja nos iPads, pá.

*Entra imagem professora:*

<http://2wuogc44mkwk23ld08m4topnk0.wpengine.netdna-cdn.com/wp-content/uploads/2012/09/Loan-Forgiveness-For-Teachers.jpg>

## **AMORIM**

Mas vocês já repararam na espectacularidade que vai ser ter não um, mas *dois* concursos de professores? É uma espécie de Twix, satisfaz duas vezes. Quer dizer, satisfaz o espírito sádico de quem ganha a vida a dizer piadolas, não satisfaz os professores com a vida em frangalhos. Mas em parte a culpa também é deles. Ser professor? Really? Em 2014? Hello, com tanto curso de gestão, tanta conferência de empreendedorismo, tanto ninho de start up que para aí anda.

## **GUI**

De facto, para quê querer ganhar a vida a ensinar a putos ranhosos quais são as capitais dos países da Europa? Se eles quiserem saber para onde é que devem emigrar, vão ao site da Easy Jet e pronto.

## **AMORIM**

Mas vamos ouvir o homem responsável por ter transformado a colocação de professores numa emoção constante. Uma espécie de mistura entre os "Jogos Sem Fronteiras", o "Nunca Digas Banzai" e os "Hunger Games".

**Entra vídeo:**

**<http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=772266&tm=8&layout=122&visual=61> Dos 00:43 ("Houve de facto...") até 1:11 ("... e portanto foi dada essa oportunidade"). Oráculo: Crato**

*responde a um teste para o qual claramente não estudou que chegue.*

*Entra grafismo da Andreia.*

#### **GUI**

Ah, a "oportunidade". Nunca nenhum Governo gostou tanto de fazer o cidadão comum ver que a vida não é mais do que um naipe de oportunidades, sobretudo no que à instabilidade laboral diz respeito. Mas pronto, houve um erro, é seguir em frente de cabeça erguida e colocar os professores como deve ser.

#### **AMORIM**

Está tudo bem. Para a semana então, o Ministro jura a pés juntos que estará tudo impecável. Quer dizer, tirando os professores de Bragança colocados em Santarém e entretanto mandados para o Algarve. E tirando a minha vizinha de cima, que lhe apareceu um professor de Língua Portuguesa colocado dentro do esquentador. O arranjo foi um dinheirão.

#### **GUI**

Mas não haverá um modo mais justo para professores e alunos, que já estavam a ganhar rotinas, nestes "procedimentos concursais"?

*Entra MESMO vídeo:*

*<http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=772266&tm=8&layout=122&visual=61> Dos 1:59 (jornalista: "Volto a*

*perguntar") até 2:14 ("de acordo com aquilo que a lei diz"). Oráculo: A lei, a tão bela lei.*

*Entra grafismo da Andreia.*

#### **AMORIM**

Sim, em pleno caos do Citius é fora de moda fazer juras de amor eterno à Lei - mas Crato é um romântico.

#### **GUI**

Ou então gosta só muito de ver desenhos animados. Sobretudo o Noddy.

*Entra vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=COFMx1JbcH8> dos 1:34 aos 1:46. Oráculo: Senhor Lei, o desenho animado preferido de Nuno Crato.*

*Entra imagem Senhor Lei:*

*[http://img3.wikia.nocookie.net/\\_cb20130807172432/jaimetaru/go/pt/images/d/df/2\\_STw5P\\_\(3\).jpg](http://img3.wikia.nocookie.net/_cb20130807172432/jaimetaru/go/pt/images/d/df/2_STw5P_(3).jpg)*

#### **AMORIM**

E viva o Senhor Lei! E viva os desenhos animados em geral, porque o canal Panda anda a fazer as vezes das aulas a que os alunos não têm porque ficam em casa à espera de ter professores. Espero que também dê para aprender Geometria Descritiva de 12º ano.

**SAI IMAGEM!!**

**GUI**

Mas o Inferno não gosta só de apontar problemas, prefere contribuir activamente para os resolver. Por isso, apresentamos um complexo algoritmo, um programa de colocação de professores que tem a classe e a atenção ao detalhe aos quais este Ministério nos habituou.

**AMORIM**

Dêem vivas ao "Colocus".

***Amorim coloca em cima da mesa um enorme balde que diz "Colocus".***

**AMORIM**

Tecnologia de ponta, hã? E a cheirar vagamente a casa-de-banho pública lavada com produtos de marca branca.

**GUI**

Mas se é um concurso, posso pedir música a condizer?

***Entra som do "Preço Certo":***

***<https://www.youtube.com/watch?v=13tnjh3dZw4>***

**GUI**

Ah, muito melhor. E a primeira colocação vai para... ***(Guilherme tira um papel do balde e lê)*** Matilde Resende, professora e inglês do segundo ciclo, residente em Castro Verde, que vai ficar colocada na caixa da "Loja do Gato Preto" do NorteShopping. Parabéns!

**AMORIM**

E a segunda colocação vai para... (*Amorim tira um papel do balde e lê*) Paulo Delgado, professor de História no ensino secundário, residente em Queluz, que se deve deixar tudo para trás e apresentar-se imediatamente em Neptuno, onde deverá falecer devido ao facto da temperatura média ser de 218 graus negativos. Iupi, que sonho!

**GUI**

Não tens de quê, Crato. Sempre às ordens.

*Entra separador.*

**ENTRA GRAFISMO:**

*Hoje no Inferno:*

- *Ajudamos António Costa a fazer as mudanças da Câmara de Lisboa para... Bom, já se vê para onde.*

- *Irmão Lúcia, os desenhos animados melhores que o Noddy.*

03. ENTREVISTA JOÃO TOVAR - 6'
--------------------------------

**AMORIM**

E junta-se agora a nós no Inferno João Tovar, director pedagógico da Restart.

**GUI**

Obrigado, João. A seguir no Inferno, precisamos de malta com braços fortes e muita vontade de ajudar o Gandhi de Lisboa.

**ANFITRIÕES TÊM LENÇOS BRANCOS NA MÃO E ESTÃO CHOROSOS.**

**AMORIM**

**[chorosa]** O discurso de António Costa no passado domingo a propósito das comemorações do 5 de Outubro poderá ter sido o último enquanto presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

**GUILHERME**

**[choroso]** Tal como Marques Mendes avançou na véspera, no Jornal da SIC (porque Marques Mendes é uma pessoa que sabe TUDO!), Costa centrou o seu discurso naquilo que fez à frente da câmara da capital. **[mais choroso]** Em jeito de balanço, percebem?

**Amorim**

**[chorosa]** Costa quer para o país aquilo que fez em Lisboa: descentralização, dinamização económica e... esplanadas no Intendente. O **[mais chorosa]** ainda presidente da Câmara de Lisboa falou sobretudo de poder local, até porque tinha aquele colar muito vistoso à volta do pescoço.

**Guilherme**

A única referência ao panorama nacional foi mesmo quando defendeu a reposição dos

feriados do 5 de Outubro e do 1º de Dezembro. Passos Coelho, que estava sentado ao pé dele, não tugiou nem mugiu, mas deve ter pensado: quem tira e dá, deus castiga! Ou seja: espera só até teres uma reunião com a troika e é o repões!

#### **AMORIM**

Troika, o que é isso?! Bom, mas deixemo-nos de sentimentalismos e enfrentemos a realidade. A repórter Lúcia Coelho está à porta da Câmara de Lisboa, a acompanhar as movimentações de António Costa. Olá, Lúcia, que informações tens sobre os planos do ainda presidente da autarquia lisboeta?

#### **LÚCIA**

Boa noite, estúdio do Inferno. Neste momento António Costa saiu das instalações da Câmara para dar uma voltinha nos cafés e nos supermercados da zona a ver se arranja umas caixas de cartão. Confirma-se que Costa já começou a embalar os tarecos que tem aqui na câmara e, parecendo que não, o homem tem tralha 'pra cacete! Só o merdum das sarjetas deve dar para encher uns trinta caixotes...

#### **GUILHERME**

Vejo que a carrinha das mudanças já chegou, Lúcia. Costa vai-se mudar já para o Largo do Rato? Afinal de contas ele ainda não é secretário-geral do PS...

**LÚCIA**

De facto. Mas não há problema, Guilherme. Ele, para já, vai deixar os caixotes na arrecadação do Rui Tavares, que quando saiu do Bloco também não tinha sítio onde deixar os tarecos e, coitado, teve de alugar um espaço para guardar as tralhas. E os amigos são para as ocasiões, certo?

**AMORIM**

Certo. Mas a arrecadação do Rui Tavares é assim tão grande?

**LÚCIA**

Maria João, a arrecadação do Rui Tavares é gi-gan-te! Só pode! Não te esqueças que já lá estão as tralhas da Ana Drago e de alguma maltinha da Renovação Comunista. Portanto, espaço não falta.

**GUILHERME**

Estou a perceber. António Costa vai encher a arrecadação do Rui Tavares de conteúdo de sarjetas e caixotes repletos de... *[sarcasmo]* zero propostas para o país.

**LÚCIA**

É mais ou menos isso, mas sem encher aquilo até ao tecto, até porque o Rui Tavares está à espera de mais uns quantos desiludidos do Bloco e, portanto, convém deixar algum espaço livre. A ideia de António Costa é então espalhar os caixotes que faltam pelos teatros e associações culturais de Lisboa (lá está: é bom ter amigos). O que até dá

jeito, porque há espaços onde de certeza faltam cadeiras e ter caixotes é muito útil nesses casos.

**AMORIM**

Seja como for, é uma nova vida para António Costa, uma nova fase na sua carreira política.

**LÚCIA**

Seguramente. *[entusiasmada]* É a oportunidade de pôr em marcha o seu plano para pôr Portugal na rota do crescimento económico! Ser chefe de Governo é o sonho de qualquer político, Maria João. Além disso, São Bento é uma zona óptima para passear...

**AMORIM**

Não, Lúcia, eu estava a falar da liderança do PS. Largo do Rato, não é São Bento. António Costa, que eu saiba, ainda não é primeiro-ministro.

**LÚCIA**

Ah, desculpa, adiantei-me. É que falaste numa nova fase da carreira política de António Costa. *[com desprezo]* Nunca pensei que te estivesses a referir à oposição a este Governo... isso não é o trabalho da Manuela Ferreira Leite?!

**GUILHERME**

Achas então que a chegada ao poder de António Costa vai ser um passeio no parque?

**LÚCIA**

Vai ser, seguramente, um passeio na Rua de São Bento. Porque do Largo do Rato à residência oficial do primeiro-ministro é um tirinho, vai-se a pé e tudo.

**AMORIM**

Não estarás demasiado confiante, Lúcia? PSD e CDS provavelmente vão concorrer coligados às eleições de 2015; a esquerda está congregar esforços; Marinho e Pinto pode reverlar-se um autêntico furacão..

**LÚCIA**

Tudo muito certo. Mas desde que a Protecção Civil avise o Costa da iminência do furacão Marinho e Pinto, a coisa controla-se. Além disso, se António Costa não levar nos caixotes de mudanças a tralha socrática, diria que tem boas hipóteses. Se a isto juntarmos... **[sarcasmo]** PROPOSTAS para o país, eh pá, está safo!

**GUILHERME**

Muito bem, o Passos que não tome cuidados. Obrigado, Lúcia...

05. REVISTA DE IMPRENSA IP - 1'30
-----------------------------------

**GUI**

... e agora vamos ao nosso Pravda com o único jornal que diz a verdade: o Inimigo Público.

*Entra separador de rubrica IP.*

**AMORIM**

A escola pública está a sofrer o avanço de uma cratose fulminante. *(entra imagem)*

**GUILHERME**

Todos os agentes interessados na educação, o que exclui obviamente o ministério, vieram hoje pedir que Nuno Crato dê lugar a uma plataforma informática cujos algoritmos dêem menos dores de cabeça. As sugestões são o Citius, o telefax ou as máquinas de casino.

**AMORIM**

Isamu Akasaki, Hiroshi Amano e Shuji Nakamura, *(entra imagem)* editores de ciência e tauromaquia de O INIMIGO PÚBLICO, foram premiados com o Nobel da Física.

**GUILHERME**

Os três japoneses inventaram a luz azul e o interruptor da cafeteira e criaram condições para o aparecimento da lâmpada LED e do brilhantismo luminoso de Marinho Pinto. "Sem Akasaki, Amano e Nakamuro, Marinho Pinto pareceria tão iluminado como Dani ou Vítor Baía a comentarem a Champions", explica o Comité Nobel.

**AMORIM**

O ébola chegou a Madrid e Cavaco mandou logo a GNR fechar os portões do Palácio de

Belém. (**entra imagem**) O presidente marcou consulta no médico de família, para Julho de 2016, para fazer xixi para o copinho e ficar a saber se contraiu ébola em duas ocasiões.

#### **GUI**

A saber: quando enfiou a mão da D. Letizia toda na boca e quando assinou papéis da SLN que Dias Loureiro e Oliveira Costa lhe puseram à frente para ele assinar.

**Entra oráculo com: <http://inimigo.publico.pt>**

#### **AMORIM**

Esta e outras notícias em [inimigo.publico.pt](http://inimigo.publico.pt) . Isto se não tiver sido engolido pelo buraco negro da colocação de professores.

06. IRMÃO LÚCIA - 2'
----------------------

#### **GUI**

E a seguir, o nosso Irmão Lúcia fala-nos do mais recente líder da oposição.

#### **AMORIM**

É verdade, Aníbal Cavaco Silva está a atravessar uma crise de meia idade e está

numa de experimentar coisas novas. Agora dedica-se a criticar o governo.

### GUI

Adorava vê-lo a descer a avenida da liberdade na próxima manifestação e a gritar: 25 de Abril Sempre! Fascismo nunca mais!

07. PREVISÃO DO ESTADO DO ESTADO - 1'30

***ENTRA SEPARADOR DA RUBRICA "PREVISÃO DO ESTADO DO ESTADO".***

### AMORIM

E para amanhã prevê-se um céu cinzento, cheio de nuvens, sem chuva, mas com um ventinho lento e constante. Ah, e nevoeiro, muito nevoeiro.

***Entra VT (0'15) <https://www.youtube.com/watch?v=nNHsA4WIFvc> dos 0:30 até aos 0:45 com oráculo: Twin Peaks is back, bitch\*s!***

### GUI

É verdade, tal como Laura Palmer anunciou no primeiro episódio da série, em 2016, voltamos a encontrar-nos. Twin Peaks está de volta.

## **AMORIM**

O realizador da série, David Lynch, partilhou no twitter a frase "aquela pastilha de que gostas vai voltar em grande estilo" com o hashtag #damngoodcoffee. A lembrar um dos vícios do agente do FBI Dale Cooper.

## **GUI**

Por isso, já sabem, preparem-se para voltar a ter insónias e pesadelos estranhos durante, pelo menos, mais 9 noites. Se ainda não viu, tem tempo, são só duas temporadas e até 2016 consegue ver, ficar traumatizado, recuperar e ver os episódios novos. A não ser que tenha fobia de anões. Aí, não há hipótese de recuperação.

## **AMORIM**

Já sabe, o Inferno somos nós e a cabeça do agente do FBI que tenta e tenta e tenta descobrir quem matou a Laura Palmer, também. Até amanhã.

## **APLAUSOS**

*Entra grafismo:*

**AMANHÃ NO INFERNO:**

*- Revelamos as instruções da "Máquina do Poder". É mais fácil de usar que a Bimby.*

*- Luís Pedro Nunes já era nosso antes de se tornar viral por causa das praxes. Somos uns hipsters.*

**Anexo 6: Guião do jornal satírico *Inferno*, dia 31 de Outubro de 2014**

**ATENÇÃO: A MÚSICA DO GENÉRICO INICIAL DEVE SER TROCADA POR: [https://www.youtube.com/watch?v=qB\\_I1YBAozE](https://www.youtube.com/watch?v=qB_I1YBAozE) (a partir dos 0:21, até genérico acabar)**

**Por baixo do logo do canal, deve haver uma mosca a dizer *Especial*.**

01. INFERNO - ESPECIAL COMENTADORES: "PATÉTICOS E PREGUIÇOSOS"- 31 DE OUTUBRO - EDITORIAL - 7'

**Oráculo: *Inês Lopes Gonçalves/Guilherme Fonseca***

**APLAUSOS**

***Entra sirene (SOM SÓ DURANTE ALGUNS SEGUNDOS) e grafismo do Sílvio.***

**GUI**

Boa noite e bem-vindos a uma emissão muito especial do Inferno. E se há marchas de Orgulho Gay ou de Orgulho Em Ter Nascido Em Lamego, encare este programa como uma Marcha de Orgulho Preguiçoso e Pateta.

**INÊS**

Pois é, a carapuça enfiou-se quando ouvimos isto.

***Entra vídeo: <http://www.tvi24.iol.pt/politica/passos-coelho/passos-quer-que-comentadores-pecam-desculpas-aos-portugueses> (dos 0:15 aos 0:55) - Oráculo: *Passos Coelho roda a baiana. Imagens TVI.****

**INÊS**

Por isso, o programa de hoje é todo ele um tributo aos jornalistas e aos comentadores

da nossa praça. É que ainda por cima ontem à noite ganhámos um prémio de Mais Patetas e Mais Preguiçosos.

*Colocam em cima da mesa o galardão da Meios e Publicidade, enquanto soa isto:*

*<https://www.youtube.com/watch?v=fbDFAaPfl28> (dos 1:26 aos 1:29, Dramatic Accent).*

#### GUI

Fomos eleitos o Melhor Canal Nacional de Entretenimento pela Meios e Publicidade. Ou então pegámos num galardão que outra pessoa deixou esquecido em cima de um urinol e desatámos a correr.

*Pode entrar aqui cortina de separador.*

***Entra grafismo da Andreia.***

#### INÊS

Em caso de Holocausto nuclear, toda a gente sabe que só irão sobreviver as baratas, a cara da Renée Zellweger e os comentadores televisivos. Mais do que treinador de futebol, esta é que é a verdadeira cadeira de sonho - opinar sobre cenas e dizer coisinhas.

***Entra grafismo da Andreia.***

## GUI

Mas não se deixem enganar por aquela veia que estava a latejar na têmpera do primeiro-ministro no vídeo de há bocado: os comentadores não são todos iguais. Mas, de facto, já se impunha um guia das tipologias desta profissão. **(ri-se)** "Profissão". 'Tá boa.

***Entra grafismo da Andreia.***

## INÊS

Por isso, hoje seremos a vossa Time Out Comentadores. E começamos com um clássico: o Aturador de Fretes.

***Surge em oráculo: O ATURADOR DE FRETES (mantém-se até entrar o vídeo)***

## INÊS

Ele sabe mais que toda a gente. Ele é um intelectual que nem tem Facebook porque isso só serve para a malta se engatar uns aos outros. Ele anda nisto há muito, muito tempo e sente uma certa náusea em ter de explicar ao povinho pela milionésima vez como é que o país e o mundo funcionam.

***Entra grafismo da Andreia.***

## GUI

Pelo meio, talvez escreva um romance histórico, talvez se torne numa cascavel a defender as suas cores clubísticas, talvez advogue que adora fumar para cima de crianças. Ele é a voz da razão, a pessoa que acende as opiniões umas nas outras como faz com os cigarros. Bom, a não ser que o obriguem a opinar sobre o maior escândalo da banca portuguesa de sempre.

***Entra vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=fGng9L8tT4k>***

***entre 0'28 ("sendo que o...") e 0'57 ("... dos meandros disto")***

***Oráculo: Miguel Sousa Tavares lá se desbronca sobre o BES.***

***Imagens SIC.***

## INÊS

Passos, filho, com uma coisa podes ficar descansado: o Aturador de Fretes odeia toda a gente, sempre. Não é pessoal, ok?

***Entra grafismo da Andreia.***

## GUI

E por falar em "pessoal", há um tipo de comentador que se rala a sério com as pessoas. Que se preocupa. Bom, na verdade preocupa-se mais em dar-lhes na cabeça por não acharem a austeridade um castigo merecido. Mais: a austeridade é uma bênção dos céus, seus ingratos

*Surge em oráculo: O COMENTADOR DO POVO (mantém-se até entrar o vídeo)*

### **INÊS**

Falamos, como é óbvio, do muy popular Comentador do Povo. Ele é a princesa Diana dos comentadores, sempre do lado de quem sofre. Apesar de não perceber porque é que eles não sofrem mais um bocadinho. Tipo assim.

*Entra vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=cZ-c13kL5DY> - Camilo Lourenço - dos 4:52 (todos os mails) até 5:17 (era possível cortar). Oráculo: Camilo Lourenço diz às velhinhas do Goucha para pouparem na laca, oh gastadoras. Imagens TVI.*

*Entra picto Andreia*

*Surge em oráculo: O COMENTADOR DO POVO*

### **GUI**

Más línguas dizem que este comentador anda em busca de tacho governamental, mas na verdade ele acha só mesmo que a austeridade é tremendamente sexy.

### **INÊS**

Ele é também um multifacetado: tanto pode estar num canal de informação respeitado como pode estar num popular programa da manhã, entalado entre receitas de robalo no forno e discussões sobre fluído vaginal.

*Entra picto Andreia*

## GUI

Mas este não é o único comentador a fazer palpitar corações na opinião pública.

Também temos o Campeão de Shares.

***Surge em oráculo: O CAMPEÃO DE SHARES (mantém-se até entrar o vídeo).***

## GUI

O Campeão de Shares é aquele que nos invade sazonalmente o feed do Facebook. Geralmente vem acompanhado de posts tipo "vejam e partilhem, o único gajo que diz a verdade" ou "façam Play já antes que isto seja censurado".

## INÊS

Pobres almas. O que eles não sabem é que não, isto nunca vai ser censurado. Isto serve para dar à luz uma espécie recente em Portugal: os rockstars da economia. Tudo junto, soa assim.

***Entra vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=ZBKanmvStA8> - do início aos 0:15 (não quer pagar) + 1:37 (e ninguém se revolta contra isto) aos 1:43 (um país intervencionado). Oráculo: José Gomes Ferreira, a nossa Padeira de Aljubarrota. Imagens SIC.***

## GUI

Veja o comentário, compre o livro. E não dê atenção às incongruências, quando estamos a ver um filme do Super Homem também não

estamos sempre a queixar-nos que é estúpido os homens voarem.

***Entra picto Andreia***

### **INÊS**

Muitas pessoas reparam que há demasiados comentadores que são políticos, geralmente ex-governantes. E isso quer dizer que estão lá para papaguear as directrizes dos seus partidos, certo? Bom, nem sempre.

***Entra vídeo:***

***<http://www.tvi24.iol.pt/opiniao/comentador/manuela-ferreira->***

***[leite/53f656cc0cf2103fd4492837/videos/1/video/14214545](http://www.tvi24.iol.pt/opiniao/comentador/manuela-ferreira-leite/53f656cc0cf2103fd4492837/videos/1/video/14214545)***

***entre 0'09 ("é evidente que...") e 0'28 ("... é a verdade") - Oráculo: Manuela Ferreira Leite percebe que se calhar não curte assim tanto do PSD, ups. Imagens TVI.***

***Surge em oráculo: A EMO ADOLESCENTE (mantém-se).***

### **GUI**

Apresento-vos a Teenager Emo. Não se deixem enganar pelas rugas: pode-se ser um Teenager Emo em qualquer idade. Basta detestar-se imenso os pais e achar que eles são uns cafonas parvalhões que fazem tudo mal. E sim, por "pais" quero dizer "partido".

***Entra picto Andreia***

### **INÊS**

O Emo Adolescente pertence geralmente a partidos que estão a governar, mas está zangado com eles. E, como todos os jovens com a mania que são rebeldes, parece um conhé de esquerda. Não é, Pacheco Pereira? Qualquer dia até tocas djambé.

### **GUI**

O Emo Adolescente é quem dá mais trabalho a Passos Coelho. Como é normal num teenager, é um ingrato. Esquece-se de todos os mimos e presentes que o partido lhe deu e ignora que o trabalho do papá é difícil, chiça. O papá anda cansado, dá-lhe um desconto.

*Sai oráculo.*

### **INÊS**

Mas há outro tipo de colega de partido que umas vezes ajuda, outras atrapalha. É o comentador que também é Director de Informação.

*Surge em oráculo: O DIRECTOR DE INFORMAÇÃO.*

### **GUI**

Comentário? Pfff, ele dá mesmo as notícias, geralmente em rigoroso exclusivo. E geralmente numa altura em que ainda era suposto serem segredo e tal.

*Entra vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=6BkItQF xm8>*

*entre 0'13 ("como é que...") e 0'33 ("... desemprego deste ano")* Oráculo: *Marques Mendes sabe sempre tudo antes, é uma espécie de Maya. Imagens SIC.*

*Surge em oráculo: O DIRECTOR DE INFORMAÇÃO.*

#### **INÊS**

Ser comentador não é fácil. É preciso dar com o pau da crítica, para passar por independente e conquistar respeito. Mas também é precisa a cenourinha de quem tem novidades espectaculares do seu partido tão lindo. Nunca contem um segredo ao Marques Mendes, a não ser que o queiram ver a virar-se para a Ana Lourenço e a dizer "você sabia que a Inês vai extrair uma verruga horrível e peluda da virilha?". Já me aconteceu e não foi agradável.

*Entra picto Andreia*

#### **GUI**

E por falar em comentadores que também estiveram no Governo, há que relembrar o comentador que é um Comebackeiro

*Surge em oráculo: O COMEBACKEIRO.*

#### **GUI**

Ele tenta que o país o perdoe e o volte a amar, mas nem sempre corre bem.

*Entra vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=ra05bGJkYjY> - dos 17:43 ("olhe, José Rodrigues dos Santos) aos 18:04*

*("muito bem"). Oráculo: José Sócrates não acha isto nada porreiro, pá. Imagens RTP.*

*Surge em oráculo: O COMEBACKEIRO.*

#### INÊS

É que há jornalistas mesquinhos que não percebem que "o que lá vai, lá vai", caramba. Ele foi só primeiro-ministro, não tem culpa de nada que suceda actualmente no país. O recibo verde agora diz comentador, vá, parem lá com isso.

*Entra picto Andreia*

#### GUI

E por fim, o grande comentador-mor. Achavam que nos íamos esquecer dele, que tanto fluxo gástrico causa a Passos Coelho?

*Entra vídeo:*

*<http://www.tvi24.iol.pt/pesquisa/videos/marcelo/acha-normal-um-primeiro-ministro-esconder-do-vice-uma-solucao-fundamental/544424990cf260a305e98f87/1> - dos 0:03 (o que eu acho) até 0:36 (até à meia noite). Oráculo: Marcelo Rebelo de Sousa acusa Passos de estar em modo screensaver. Imagens TVI.*

*Surge em oráculo: O PAI DE TODOS.*

#### INÊS

Ele é o Pai de Todos, o evangelizador-mor. Não é à toa que vai para o ar ao Domingo.

## GUI

E ainda por cima recomenda-nos livros sobre azulejos de casa-de-banho do século XV. O que seria de nós sem Marcelo?

*Entra separador.*

**ENTRA GRAFISMO:**

*Hoje no Inferno:*

*- Conhecemos a vida e obra de um comentador de jornais online. Sim, aqueles que destilam fel nas zonas de comentários.*

*- Joaquim Furtado defende a dama do jornalismo.*

02. VT ARAGÃO - 3'
--------------------

## INÊS

Mas os grandes comentadores da nossa era não são só aqueles que se passeiam pelas televisões com ar de quem merecia andar de monóculo e cachimbo.

## GUI

O nosso repórter João Aragão foi investigar outro ângulo do comentadorismo contemporâneo.

03. ORÇAMENTO - 2'

**INÊS**

Não sei se repararam, mas houve um comentador, outrora messiânico, que ficou de fora da nossa tipologia de há pouco. É que ele já foi mais trendy, sabem?

**GUI**

Qualquer semelhança entre o comentador que se segue e um anão Zangado da Branca de Neve e os Sete Anões é pura coincidência.

**INÊS**

Tudo explicadinho em mais um Orçamento Meu.

04. OPINIÃO PÚBLICA - COMENTADORES

**INÊS**

E hoje, em dia de especial, nada como abirmos as nossas linhas de telefone para mais um segmento de opinião pública no Inferno, o espaço onde você está à vontade para soltar a Manuela Ferreira Leite que há em si.

**ENTRA SEPARADOR DE RUBRICA.**

**GUI**

Ora, o tema do nosso Opinião Pública de hoje não podia ser outro que não os patéticos, preguiçosos e filhos da puta **(blippar)** dos comentadores nacionais.

**INÊS**

Guilherme... o Passos só lhes chamou patéticos e preguiçosos. Esse último é da tua cabeça.

**GUI**

A sério? Ele estava tão chateado quando falou que fiquei com a impressão que também tinha dito... Pronto, peço desculpa. Parecia mesmo...

**INÊS**

Bom, o que queremos saber hoje é: será que os portugueses gostam dos comentadores que lhes chegam via rádio, televisão e jornais? Ou fazem como aos amarelos dos semáforos e ignoram-nos de forma descarada e propositada?

**GUI**

Nada como perguntarmos directamente. Por isso ligue-nos que queremos que solte o pequeno Marques Mendes ou o tagarela Marcelo Rebelo de Sousa que há em si e nos diga o que pensa sobre o comentadorismo em Portugal.

***Entra grafismo: O que pensa dos comentadores portugueses?***

**INÊS**

Ora, para nos responder a esta questão já temos ao telefone Rute Renata, de 52 anos, que nos liga da Meadela. Boa noite, qual é a sua opinião, Rute?

***Entra grafismo (feminino): Rute Renata, 52 anos, Meadela***

**RUTE**

A minha opinião? Olhe, já que ma pediu, eu digo-lhe já acho que os comentadores portugueses são como o Citius.

**GUI**

Uma plataforma de informação?

**RUTE**

Não... lentos, incompetentes e aparecerem-me na televisão todos os dias!! Você já viu bem quem é que temos a comentar a actualidade em Portugal? Manuela Ferreira Leite. Marcelo rebelo de Sousa. Morais Sarmiento. Sabe o que é que esta gente tem em comum?

**INÊS**

Até tenho medo... mas será que sã...

**RUTE**

**(interrompe chateada)** Incompetentes! Todos! Incompetentes que como não souberam fazer, foram comentar! No fundo, são todos como o Dani. Aquele rapazito que era suposto ser um óptimo jogador de futebol, nunca jogou nada de jeito, e agora está a mandar postas de pescada na TVI! Iguaizinhos! **(fica menos chateada)** Mas vá... menos bonitos... que o Dani, se quisesse... vinha cá a casa e fazia-me duas horas de Mais Futebol que eu deixava... **(ri-se nervosa)**

**GUI**

**(interrompe)** Oh, Rute! Desculpe lá, mas não há um único comentador em Portugal que a Rute acha que tem um currículo apropriado? Cuja opinião seja fundamentada com experiência?

**RUTE**

Há. Por acaso, há. A pipoca.

**INÊS**

A mais doce? A blogger?

**RUTE**

Sim! Essa, mesmo! Uma pessoa lê o que ela escreve e vê-se que sabe do que fala. Ouça só isto, ouça: "*As Tortitas de milho e chocolate negro da Gullón, os Barquinhos de baunilha (e os de chocolate também, pronto) e as Ronditas, todos da linha Diet Nature, conquistaram um lugarito no meu coração.*" Que maravilha. Uma mulher que já comeu a sua bolacha e que por isso sabe do que fala...

**INÊS**

Pronto, obrigado, Rute... E já temos mais uma opinião ao telefone. Maria de Fátima Anunciação, que nos liga de Ferreira do Zêzere. Maria de Fátima, que opinião tem sobre a nossa amostra de comentadores?

***Entra grafismo Opinião Pública:***

***Maria de Fátima Anunciação, 32 anos, Ferreira do Zêzere***

### MARIA DE FÁTIMA

Boa noite, senhor Pedro Vieira. Gosto muito do vosso programa, vejo sempre. Olhe, eu nunca liguei assim muito a comentadores, às vezes confundem-me um bocado. Aquele Marcelo, então, 37 livros por semana, credo, nem 1 por ano, que trabalhadeira. Mas, esta semana, Pedro Passos Coelho abriu-me os olhos para a verdade e a minha vida mudou completamente.

### INÊS

Bom, Passos Coelho mudou a vida a muita gente, geralmente para pior. Mas, quase que tenho medo de perguntar, mudou a sua vida para...melhor?

### MARIA DE FÁTIMA

A minha vida mudou para muito melhor! Eu andava perdida nesta salada russa que é a vida. Tirei um curso de Estudos Gerais, porque não estava para perder tempo a analisar os outros cursos com nomes complexos, tipo Engenharia Mecatrónica, sei lá o que é isso. Nunca trabalhei, só quando Passos Coelho disse que os comentadores eram todos patéticos e preguiçosos, é que vi a luz! É este o meu futuro, pensei! Eu sou **(pequena pausa)** patética e preguiçosa!

### GUI

Então quer dizer que a Maria de Fátima está a considerar uma carreira no comentadorismo?

## MARIA DE FÁTIMA

Considerar uma carreira, como assim? Não é só ficar sem fazer nada e dizer patéticas? Acho que vocês não estão a perceber como o meu objectivo é mesmo não fazer nada. Chego a estar 2 ou 3 horas a ver o mesmo canal, só para não me levantar e ir buscar o comando, é uma canseira. Olha, foi assim que conheci o Canal Q, por acaso.

## INÊS

Está certo, Maria de Fátima. Acho que vai dar uma óptima comentadora. Muita saúde e sorte, para si e obrigada por ter ligado. Entretanto, acho que temos mais uma opinião para ouvir, estamos concorridos, hoje. Vítor Menezes, de Seborrelho de Basto. Boa noite, Vítor...

***Entra grafismo de Opinião Pública:***

***Vítor Meneses, 45 anos, Seborrelho de Basto***

## VÍTOR

***(interrompe Inês)*** Boas noites a todos!

Desculpem, estou um bocado nervoso de estar aqui na televisão, eh eh.

## GUI

Ó senhor Vítor, não está bem na televisão, é só a sua voz. Mas sintá-se à vontade para dizer os disparates que quiser. É normalmente, o que toda a gente faz. Partilhe, então, connosco a sua opinião

sobre os comentadores portugueses, por favor.

**VÍTOR**

*(ainda nervoso)* Acho óptimos, todos. Por favor, não os tirem do ar. Pode cair o governo, podem aumentar-me os impostos, tudo, mas não tirem os comentadores do ar, por favor.

**INÊS**

Er, calma, Vítor, ninguém pôs isso em causa. Acho que é seguro afirmarmos que haverá sempre comentadores na televisão portuguesa. Mas isso assusta-o assim tanto?

**VÍTOR**

Claro que assusta! Então, um mundo sem comentadores é o quê? Uma lasanha sem queijo? Um cerveja sem gás? Não faz sentido. Eu sei lá o que pensar sobre o caso Tecnoforma se não tiver o Marques Mendes a dizer-me porque é que o Passos Coelho não devia ter recebido aquele dinheiro? Preciso de dicas, isto é muita informação e eu, sozinho, não sei o que pensar sobre as coisas, entende?

**GUI**

Ah, já percebi a sua técnica, Vítor. Usa os comentários políticos para depois fazer boa figura no café com os colegas de trabalho. Já agora, posso perguntar-lhe qual é a sua opinião sobre o novo Peugeot 308?

## VÍTOR

Peugeot 308? Epa, agora é que me apanharam, **(riso nervoso)** eh eh. Espera lá que eu vi isso naquela revista AutoHoje, no outro dia. Então, ... ah, já me lembro! É muito bom, com um motor 1.6 HDI de 115 cv torna-se, assim, um bom concorrente da Audi e BMW. É isso que eu acho.

Mas escusa de estar aqui a testar-me porque, digo-lhe já, que não sou o único! Já diziam os Xutos, eh eh. Há muita gente a fazer isto. Então aquelas discussões todas no facebook vêm de onde? É impossível uma pessoa ter opinião formada sobre todos os assuntos da actualidade, impossível! A mim não me enganam mais.

## INÊS

Muito bem, Vítor, boa técnica, fica a dica para os restantes espectadores. Muito obrigada por ter ligado. A seguir, vamos ao espaço de entrevista no Inferno.

### **ENTRA SEPARADOR GENÉRICO**

05. ENTREVISTA - JOAQUIM FURTADO - 10'
--

## GUILHERME FONSECA

E junta-se agora a nós no Inferno o jornalista Joaquim Furtado.

**Oráculo: Joaquim Furtado, jornalista**

## INÊS

Obrigado, Joaquim. E o Inferno somos nós.  
Preguiços, patéticos mas com muito orgulho.

## GUI

Até segunda.

## APLAUSOS

*GENÉRICO FINAL COM MESMA MÚSICA DO INÍCIO:*

<https://www.youtube.com/watch?v=qB I1YBAozE> (a partir dos  
0:21, até genérico acabar)

*Entra grafismo:*

*SEGUNDA NO INFERNO:*

- Rui Pego num embate de titãs com o palhaço Batatinha.
- As eleições brasileiras ainda dão de falar, mas com um toque "Tropicalíssimo".

## **Anexo 7: Guião do jornal satírico *Inferno*, dia 5 de Novembro de 2014**

---

01. INFERNO - Nº 4.43 - 5 DE NOVEMBRO - EDITORIAL - 3'30

**Oráculo: *Maria João Amorim/Guilherme Fonseca***

### **APLAUSOS**

#### **AMORIM**

Muito boa noite, sejam bem vindos ao Inferno do dia 10 de Dezembro, dia em que o gmail dos trabalhadores a recibos verdes entupiu com a avalanche de cartas de boas festas enviadas pela Segurança Social. Não sabe de que é que estamos falar?? Olhe para o seu lado direito, caro telespectador, está a ver o seu jovem e bonito e licenciado filho, ele não está propriamente com boa cara, pois não?

**Entra imagem de recibo verde.**

**[http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/49/Recibo verde electr%C3%B3nico.png](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/49/Recibo_verde_electr%C3%B3nico.png)**

#### **GUI**

Sabe porquê? Porque o seu jovem e bonito e licenciado filho é, com grande probabilidade, um dos 976 mil trabalhadores independentes que existem em Portugal. 1 em cada 5 trabalhadores, dizem as estatísticas! E, muito provavelmente, o seu jovem e bonito e precário filho recebeu hoje uma cartinha da Segurança Social com a fixação da nova contribuição a pagar mensalmente.

**ENTRA PICTO DO DIA.**

**AMORIM**

E quando viu o valor que lhe foi fixado, o seu jovem e bonito e agora desesperado filho teve uma reacção vagal. O mais certo é ele ter subido um ou dois escalões, o que, em muitos casos, pode traduzir-se num aumento de mais de 200 euros por mês. Não sabemos se é o caso dele, embora aquela palidez assim o indique, mas não é de descartar a hipótese de ele ter de passar a pagar 580 euros todos os meses à segurança social.

**ENTRA PICTO DO DIA.**

**GUI**

**[falsamente indignado]** O quê?? 580 euros! Isso é porque ele ganha muito dinheiro! O seu filho é praticamente um Carlos Slim (eu ia dizer Ricardo Salgado, mas, como sabem, o Ricardo Salgado já não é milionário). O seu filho é um Onassis! **[desmonta]** Não. O seu jovem e bonito e remediado filho ganha por mês, vou arriscar, 1300 euros ilíquidos. Acertei? Se a isso subtrairmos 25 por cento de IRS, dá 975. Se depois tirarmos os tais 580 euros, dá... 395 euros. Percebe agora porque é que ele ainda está aí no sofá ao seu lado e não há meio de desamparar a loja??

**Entra imagem de notícia**

**<http://www.publico.pt/economia/noticia/provedor-de-justica-volta-a-chamar-a-atencao-para-descontos-dos-trabalhadores-independentes-1676699>**

***Amorim***

Para minimizar esta situação, o Governo criou uma lei que permite aos trabalhadores independentes alterarem o seu escalão contributivo para passarem a descontar menos para a Segurança Social. (o que é engraçado: a Segurança Social fixa um valor a pagar, mas depois dá a possibilidade ao trabalhador de pagar menos... por um lado a Segurança Social é o polícia mau, por outro é o polícia bom) Ora, essa lei entrou em vigor há nove meses e ainda há vários pedidos sem resposta.

***Gui***

Mas nada temam, companheiros precários, porque o Governo agora vai MESMO cumprir a lei... que ele próprio criou e que é, vá, suposto cumprir... agora é que é! Desde que tenham uma máquina do tempo.

***Entra imagem alteração de escalão com animação A CHEIO  
(pedido à Andreia) - Guilherme continua a falar***

No email que a Segurança Social enviou hoje, DIA 10 DE DEZEMBRO, aos trabalhadores independentes pode ler-se que todos os pedidos e alterações sobre esta matéria

deverão ser realizados através da Segurança Social Directa, a partir de 5 DE DEZEMBRO.

**Entra imagem de Regresso ao Futuro**

**<http://www.coverwhiz.com/content/Back-To-The-Future.jpg>**

**AMORIM**

Portanto, caro telespectador, diga ao seu jovem e bonito e atrasado filho para se despachar...

**ENTRA PICTO DO DIA.**

Bom, mas tomemos por boa data o dia de hoje, 10 de Dezembro. Segundo um comunicado de ONTEM da Associação de Combate à Precariedade, a alteração do escalão a pedido do trabalhador deveria ter efeito já na próxima prestação, cujo pagamento tem de ser feito até ao próximo dia 20 de Dezembro. Portanto, sr. Ministro Pedro Mota Soares: isso é que foi uma noite longa de trabalho, hã? Sim, senhor...

**GUI**

**[olha em volta]** Pedro Mota Soares, onde, onde?? Na televisão? Na rádio? A dar cara pelos escalões acima do esperado para um grande universo de trabalhadores independentes?! Onde, onde????

**Amorim**

Não, Guilherme. O ministro está ocupado a trabalhar na argumentação que vai usar quando for questionado sobre esta matéria: houve uma alteração de escalões, sim. Há pessoas que foram colocadas num escalão

acima do esperado, sim. Mas a lei permite a revisão de escalões a pedido.

**GUI**

Mas a lei não sido cumprida...

**AMORIM**

Vai uma aposta como vai passar a ser cumprida e que vai dar um crachá muito giro para o CDS distribuir nas arruadas da próxima campanha eleitoral?

**GUI**

Maria João?

**AMORIM**

Sim, Guilherme?

**GUI**

Porque é que um trabalhador por conta de outrem em Portugal paga um valor razoável de segurança social e um trabalhador independente paga uma quantia obscena e imoral?

**AMORIM**

Não sei...

**GUI**

Ah, ok, então e aquilo do BES?

**AMORIM**

BES?? Aconteceu alguma coisa ao BES? Eu estive a ouvir o Ricardo Salgado ontem, atentamente, e deu-me a sensação de que estava tudo bem com o BES...

**GUI**

Não, então, não viste? Aquilo deu um grande molho à porta da Assembleia. Olha lá imagem.

entra imagem a CHEIO [http://gdb.rferl.org/7327E3A9-7133-431C-BAB1-8D2280A8DE43\\_mwdynamic\\_mhdynamic\\_s.jpg](http://gdb.rferl.org/7327E3A9-7133-431C-BAB1-8D2280A8DE43_mwdynamic_mhdynamic_s.jpg)

**AMORIM**

Guilherme, aquele não era o Ricardo Salgado e aquilo não eram manifestantes à porta da Assembleia da República. Aquele era o Richard Fuld, presidente executivo do Lehman Brothers e aquilo eram manifestantes, sim, mas de quando ele foi explicar a falência do banco perante os representantes do povo americano. Não foi cá...

**GUI**

Ah, ok, pronto, desculpa, confundi-me.

**ENTRA GRAFISMO:**

**Hoje no Inferno:**

- *Ana Markl brilha como sempre a falar de lixo. Televisivo.*
- *Exclusivo Inferno: uma conversa - desesperada - entre Alberto João Jardim e Pedro Passos Coelho.*

---

02. LANÇAMENTO VT ARAGÃO - 0,15'

**AMORIM**

Os servidores do site The Pirate Bay foram apreendidos e o portal de torrents está offline, desde ontem à noite. Não desesperem, o nosso repórter João Aragão diz-vos como sobreviver a este apocalipse.

---

03. VT ARAGÃO - 3'50

**ENTRA VT Aragão**

---

04. LANÇAMENTO POSTO DE COMANDO - 0,15'

**GUI**

A seguir, Ana Markl fala de sexo em horário nobre. Somos mesmo atrevidos.

**SEPARADOR Posto de Comando.**

---

05. POSTO DE COMANDO - 6'

**AMORIM**

Olá, Ana, o que trazes esta semana.

**GUI**

Obrigado, Ana. A seguir, uma conversa entre Passos e Alberto João. Não perguntem. É mais um exclusivo Inferno.

---

06 - VT MEIAS 2'

**ENTRA VT MEIAS**

---

07. LANÇAMENTO HOMEM DO LIXO 0,15'

**AMORIM**

Luís Pedro Nunes regressa com mais porcaria cibernética mal-cheirosa. É mais uma edição do Homem do Lixo.

**SEPARADOR Homem do Lixo.**

**AMORIM**

Olá Luís Pedro, e esta semana, o que há?

**GUI**

Obrigado, Luís Pedro, a seguir vamos à revista de imprensa com o único jornal que diz a verdade e não recebeu cartas de José Sócrates, o Inimigo Público.

**ENTRA SEPARADOR REVISTA DE IMPRENSA**

**No início e no final da rubrica, deve aparecer em oráculo o endereço: inimigo.publico.pt**

**AMORIM**

E no Inimigo Público de hoje, cientistas concluíram que Marte teve condições para albergar vida como a conhecemos durante milhões e milhões de anos, até algum cataclismo apocalíptico mudar tudo.

**Entra imagem A CHEIO**

**GUI**

Um cientista da NASA revelou que "Pode ter sido uma tempestade de raios gama ou uma alteração no eixo do planeta, mas quase que apostamos que foi algo mais grave: uma

coligação PSD/CDS-PP". Acrescentou, ainda: "As alterações climáticas que podem destruir um planeta são graduais. Uma coligação PSD/CDS-PP é como o embate de um cometa: é rápido, letal e não há nada a fazer", concluiu, mórbido.

#### **AMORIM**

Noutra notícia, o IP revela que hoje, pelas 14 horas, a maior parte dos deputados da comissão parlamentar de inquérito ao BES ainda tinha as nádegas dormentes.

#### ***Entra imagem A CHEIO***

#### **GUI**

Muitos deles tiveram de ser desenformados das cadeiras com o auxílio de pés de cabra e barrotes. Para Carlos Abreu Amorim teve de se mandar vir uma grua dos bombeiros sapadores. Um dos presentes na maratona de ontem afirmou: "Foi giro. Sempre desenoámos de ver mulheres avantajadas no plenário".

#### **AMORIM**

Já sabe, estas e outras notícias em inimigo.publico.pt. Isto, claro, se a sua Internet não estiver a fazer as malas e a apanhar um avião para emigrar e não ter que pagar o novo escalão da segurança social.

**GUI**

João Pinto Costa, o nosso correspondente no norte do país, está desolado por estar tão longe de José Sócrates e não o poder visitar. Como tal, resolveu escrever-lhe uma carta. Não pode ser só dar, Sócrates também gosta de receber, não é?

---

11. VT INFERNO DE CIMA - 3'

**ENTRA VT Inferno de Cima**

---

12. PREVISÃO DO ESTADO DO ESTADO - 2'

**ENTRA SEPARADOR DA RUBRICA**

**AMORIM**

Para amanhã prevê-se a continuação do tempo frescote, mas soalheiro, um pouco por todo o país.

**GUI**

Vou ter saudades deste tempo, por acaso.

**AMORIM**

Como assim, saudades?

**GUI**

Maria João, no Reino Unido estão a contratar pedreiros portugueses e pagam cerca de 1200 euros por mês. Chove muito e o céu está sempre muito cinzento, mas com esse dinheiro consigo forrar o céu do meu

quarto com um papel de parede de um pôr do sol e já disfarça.

#### **AMORIM**

Tu, com esse corpito, a trabalhar como pedreiro? 'Tá bem, abelha. Deixa-te disso e arranja antes um gato.

***Entra imagem <http://cdn.hitfix.com/photos/5621843/Grumpy-Cat.jpg>***

Desde que foi colocado on-line o vídeo desta gata mal-humorada no YouTube - há dois anos - a dona recebeu 81 milhões de euros.

#### **GUI**

Ah, pronto. Andei eu aqui a pagar cursos e a trabalhar e tal quando bastava ter um gato com esta cara (*imita a cara do gato*).

#### **AMORIM**

É a era da internet, Guilherme, devias saber isso melhor do que eu. Já sabe, o Inferno somos nós, até amanhã.

***Entra grafismo:***

***AMANHÃ NO INFERNO:***

***- Susana Romana explica-nos assuntos complicados com um pau de giz.***

***- O ministro da Cultura dá o ar da sua graça.***

## **Anexo 7: Guião do programa *Esquadrão do Amor***

### **Esquadrão do Amor**

#### **Episódio 31**

#### **GENÉRICO**

##### **ANA TELEPONTO (0'30')**

Boa noite. Bem-vindos a esta pouca-vergonha a que gostamos de chamar Esquadrão do Amor. Hoje vamos falar de biologia, poesia e bricolage. Para tal, lancei uma luz aos céus e chamei os vossos heróis favoritos: a "afia-lápis" São José Correia, o "tamanho-senhora" Carlão e o "pode-estar-laça" Cláudio Ramos. Se não sabem do que estamos a falar, vejam o Esquadrão do Amor da semana passada. Ou melhor, não vejam, não queiram saber.

##### **Comentam (1')**

##### **ANA TELEPONTO (0'30)**

Hoje gostava de começar por elevar a conversa. Não é nada disso que estão a pensar, seus badalhocos. Sucede que esta semana me deparei com um artigo muito interessante que revela os prós e contras do casamento segundo Charles Darwin. Nos idos do século XIX, aos 29 anos, o responsável pela teoria da evolução das espécies escreveu num diário qualquer coisa como:

**- "Prós do casamento: ter crianças; ter companhia constante, melhor que um cão; ter alguém que trate da casa; divertir-me com a música e a converseta feminina; tudo bom para a saúde mas total perda de tempo"**

**- "Prós de estar solteiro: liberdade para ir aonde me apetecer, conversar com homens inteligentes nos clubes; não ser forçado a visitar parentes; não ter as despesas nem a ansiedade de ter crianças"**

- **"Contras do casamento: perder tempo com discussões; não poder passar as tardes a ler; ficar gordo e preguiçoso; ter menos dinheiro para livros"**

- **Não era lá um homem muito evoluído e o pior é que tudo isto ecoa nos dias de hoje.**

Comentam (5')

**ANA TELEPONTO (0'30)**

E, por falar em Darwin, a natureza anda doida. Ora vejam este vídeo - a não ser que sejam sensíveis à violência da vida animal. E eu admito que sou. E que o que vamos ver agora é National Pornographic.

**VT PINGUINS (até aos 0'25) (CORTA PARA MENOS TEMPO EM PÓS)**

<https://www.youtube.com/watch?v=H0evs5MRtD8>

**ANA TELEPONTO (0'30)**

Isto é mesmo verdade, foi noticiado na semana passada: as focas estão a ter sexo com os pinguins e, por vezes, comem-nos depois do acto. Em que medida é que esta notícia fala de amor?, perguntam vocês. É que há muita gente que usa a Natureza como exemplo para condenar o amor alheio, mas a verdade é que a Natureza tem muito que se lhe diga.

Comentam (5')

- **Já tinha acontecido em 2006 mas não era expectável que se repetisse. Não se encontra explicação, mas pode ser uma maneira apreendida de libertar frustração sexual na altura do cio; duvida-se que seja uma mera confusão.**

**ANA TELEPONTO (0'30)**

E agora, vamos só recordar um vídeo bonito de amor animal para nos aliviarmos um pouco da violência inter-espécies a que acabámos de assistir.

**VT TARTARUGAS (dos 0'15 aos 0'49 – TOTAL: 0'34)**

<https://www.youtube.com/watch?v=3eMevDlpZrA>

**ANA TELEPONTO (0'30)**

Mudando de assunto - ou não, até porque Darwin gostaria de ter recorrido a este serviço no seu tempo e talvez não se tivesse casado. Quero falar-vos de Samantha Hess, a jovem norte-americana que está a prestes a criar um pequeno império em redor do negócio do miminho. Vejamos o excerto de uma reportagem sobre esta mimadora e aconchegadora profissional - que ganha, nada menos, que 60 dólares à hora.

**VT CUDDLER (dos 0'19 aos 1'25 – TOTAL: 1'06)**

<https://www.youtube.com/watch?v=GjuP4OdzOgl#t=20>

**LEGENDAS:**

- Portanto... Samantha...

- Sim?

- Como está?

- Fantástica, e você?

- Estou bem.

*Esta não é a entrevista mais constrangedora que já fiz.*

- Posição Lua-de-Mel.

- Posição de bolso.

- Posição de pirâmide.

- Posição de gémeos.

- E posso coçar-lhe as costas!

*Mas anda lá perto. No top 5.*

*A Samantha Hess é mundialmente famosa desde que abriu o seu negócio de aconchego em Portland.*

*E o negócio vai bem...*

- Já estou a fazer reservas para Fevereiro.

- Uau, a tanta distância?

*... Tão bem, que ela planeia abrir o seu próprio estabelecimento.*

- Criei um curso de 48 horas para os empregados que trabalharem comigo.

- Uau, empregados?

- Sim!

- Não é só você?

- Sim, mas haverá empregados. Vou abrir a minha loja daqui a uns meses e terei seis empregados dentro de um ano.

*É ambicioso, mas ela tem clientes habituais que a irão seguir.*

*Não é difícil perceber porq... ah, esperem um bocadinho.*

*Onde é que eu ia?*

*Certo. Não é fácil perceber porquê.*

Comentam (7')

ANA TELEPONTO

Vamos agora para um breve intervalo para nos enroscarmos uns nos outros a fazer cafuné. Quando voltarmos, não percam um novo episódio da rubrica Estocada Final, desta feita dedicada à poesia e ao romantismo na era fria da tecnologia e do pragmatismo. Rimou. Até já.

**INTERVALO 1**

ANA TELEPONTO (0'30)

Bem-vindos à segunda parte do Esquadrão do Amor. Vamos agora reflectir sobre uma questão: será que ainda há espaço para poetas e musas na dinâmica selvagem do

engate moderno? É o mote lançado por mais uma pequena ficção inspirada em casos verídicos: a Estocada Final.

## **VT ESTOCADA FINAL 30 – A VIDA NÃO RIMA (5')**

Comentam (10')

- **Se um amigo vosso vos dissesse: vou enviar um poema a uma rapariga linda do Facebook que não conheço de lado nenhum, qual seria a vossa reacção?**
- **Porquê não mandar? O que se perder em mandar? Porquê o medo do ridículo junto de uma desconhecida?**
- **O amor pelo amor - inspiração para a arte; a musa inspiradora**
- **Quando é que se justifica então enviar um poema?**
- **Hoje em dia, um tipo que faz um gesto arrebatado destes é provável que seja considerado um potencial psicopata. Na era do contacto fácil, somos uns desconfiados?**

ANA TELEPONTO

Vamos agora para mais um curtíssimo intervalo. Já a seguir, no momento que dedicamos religiosamente às mensagens dos nossos devotos telespectadores, falaremos da utilidade de uma caixa de ferramentas na vida de uma mulher.

## **INTERVALO 2**

ANA TELEPONTO (0'30)

Estamos de volta para a terceira e última parte do Esquadrão do Amor. Não quero deixar de dizer que na página de Facebook do Esquadrão, temos recebido ao longo das últimas semanas muitas mensagens, que desde já agradecemos, sobre sexo e excesso de peso.

- **Lúcio: “São José Correia: isso da menor performance sexual de alguém com peso a mais é estigma. Estranho que com essa idade ainda lhe falte conhecer tanto”**
- **Lucinda: “Já tive 150 kg e nunca deixei de ser desejada; passa mais pelo sex appeal do que pelo peso”; “nunca me passou pela cabeça dar uma boa foda porque pode ser a última”; “adoro o vosso programa mas às vezes tiram conclusões que não lembram ao careca”**
- **No entanto, a Lucinda acha que os homens com excesso de peso têm a vida menos facilitada: “o pénis parece mais pequeno devido ao embutimento da gordura sobre a púbis – ora, o tamanho conta e já não basta arfar que nem um boi, depois ter uma pilinha tipo nenuco... não dá”.**

Comentam (5’)

**ANA TELEPONTO (0'30)**

Vamos agora escarafunchar mais uma mensagem enviada por uma nossa querida espectadora para a página de Facebook do Esquadrão do Amor. Esta semana, dedicamo-nos à intervenção deveras interessante da espectadora Sónia. Ela queixa-se de que **nós só falamos “do homem comum e de relações triviais” quando, na verdade, há muito mais além disso.**

- **Conta-nos a Sónia que conhece um “homem que adora dar prazer às mulheres e que, apesar de ter uma idade já avançada, tem um corpo atlético, não usa viagra e é capaz de passar horas a fazer amor connosco”.**

- **Este homem “tem um “estojo de amor”, uma caixa de ferramentas cheia de objectos e brinquedos sexuais e, ao contrários dos outros homens, não se preocupa em obter prazer mas, sim, em dar prazer”.**

- **“Ele é muito meigo mas muito viril e é muito diferente da maioria dos homens porque não é minimamente egoísta na relação. Ele tem um controlo tão grande que**

pode estar várias horas (5, 6 ou 7) seguidas a fazer amor connosco sem ter um orgasmo”.

- “É muito fácil oferecermo-nos completamente (sem constrangimentos nem pudores) a um homem assim, porque sabemos que ele não vai egoisticamente servir-se de nós, mas vai fazer tudo para nos satisfazer e dar-nos horas e horas de prazer”.

Comentam (7’)

Despedidas





## Folha de presenças - Estágio curricular no Canal Q

Ana Rita Pascoal Azevedo – 40750

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Mestrado em Ciências da Comunicação, vertente de Cinema e Televisão

Dia	Hora de chegada	Hora de saída	Assinatura
13 de Novembro	10.00h	19.30	Rita Azevedo
14 de Novembro	10.30h	18.00h	Rita Azevedo
17 de Novembro	10.30h	21.30h	Rita Azevedo
18 de Novembro	10.00h	19.20h	Rita Azevedo
19 de Novembro	09.45h	18.00h	Rita Azevedo
20 de Novembro	10.00h	19.00h	Rita Azevedo
21 de Novembro	10.00h	17.30h	Rita Azevedo
24 de Novembro	11.00h	21.30h	Rita Azevedo
25 de Novembro	10.00h	18.30h	Rita Azevedo
26 de Novembro	09.30h	19.00h	Rita Azevedo
27 de Novembro	10.00h	19.00h	Rita Azevedo
28 de Novembro	10.00h	17.30h	Rita Azevedo
1 de Dezembro	11.00h	21.15h	Rita Azevedo
2 de Dezembro	10.00h	19.00h	Rita Azevedo
3 de Dezembro	10.00h	19.00h	Rita Azevedo
4 de Dezembro	10.00h	19.00h	Rita Azevedo
5 de Dezembro	11.30h	17.30h	Rita Azevedo
9 de Dezembro	09.30h	18.30h	Rita Azevedo



## Folha de presenças - Estágio curricular no Canal Q

Ana Rita Pascoal Azevedo – 40750

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Mestrado em Ciências da Comunicação, vertente de Cinema e Televisão

Dia	Hora de chegada	Hora de saída	Assinatura
10 de Dezembro	09.30h	18.30h	Rita Azevedo
11 de Dezembro	10.30h	19.00h	Rita Azevedo
12 de Dezembro	11.00h	18.00h	Rita Azevedo
15 de Dezembro	10.00h	19.15h	Rita Azevedo
16 de Dezembro	10.30h	18.30h	Rita Azevedo
17 de Dezembro	10.00h	17.00h	Rita Azevedo
18 de Dezembro	10.00h	19.00h	Rita Azevedo
19 de Dezembro	10.00h	18.00h	Rita Azevedo
22 de Dezembro	10.00h	19.30h	Rita Azevedo
23 de Dezembro	11.30h	18.00h	Rita Azevedo

